



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPG
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

JOSÉ HILTON SILVA DANTAS

A MAGIA DA PALAVRA
O TEXTO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

GUARABIRA
Fevereiro / 2018

JOSÉ HILTON SILVA DANTAS

A MAGIA DA PALAVRA
O TEXTO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como exigência para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dr^a. Maria Suely da Costa

GUARABIRA - PB
Fevereiro / 2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192m Dantas, José Hilton Silva.

A magia da palavra: [manuscrito] : o texto teatral para a formação de leitores / José Hilton Silva Dantas. - 2018.
109 p. : il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras - CH."

1. Texto teatral. 2. Formação do leitor. 3. Letramento literário.

21. ed. CDD 372.41

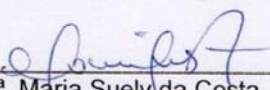
JOSÉ HILTON SILVA DANTAS

A MAGIA DA PALAVRA
O TEXTO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

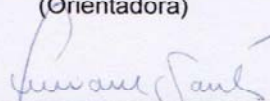
Dissertação apresentada à Coordenação
do Mestrado Profissional em Letras -
PROFLETRAS da Universidade Estadual
da Paraíba – Campus III, em cumprimento
aos requisitos para a obtenção do título
de Mestre em Letras.

Aprovada em: 23/02/2018

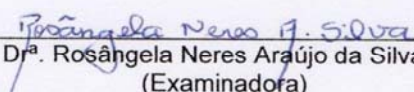
BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Maria Suely da Costa (UEPB)
(Orientadora)



Profª. Drª. Luciane Alves Santos (UEPB)
(Examinadora externa)



Profª. Drª. Rosângela Neres Araújo da Silva (UEPB)
(Examinadora)

À minha mãe, Idelsuíte Silva Dantas e ao meu pai, José Ribeiro Dantas que são minhas raízes, meus primeiros educadores e me permitiram estar presente em mais uma existência e que me deram incentivo para estudar.

À minha irmã Regina por toda dedicação e zelo pela família e à Educação de tantas crianças.

À minha irmã Regilane, apoio fundamental em todos os momentos.

Às Professoras: Josefa Vieira Nunes - “Dona Zefinha”, minha primeira professora, a base de tudo; Maria Vidal de Lima Pequeno e Mauricea Maciel Medeiros que me despertaram e motivaram a acreditar no meu potencial de estudante e de educador.

À Professora Helley de Abreu Silva Batista (em memória) e a todos os professores e professoras que fazem do ofício de lecionar um sacerdócio, uma prática de amor ao próximo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, inteligência Suprema, Amor em essência.

À escritora Lourdes Ramalho por ser uma pessoa tão generosa e por sua contribuição à dramaturgia Mundial.

Aos amigos: Ana Raquel, Cleiton e Estelinha; Márcia; Tayse e Ryan; Millena Daffany que sempre manifestaram apoio, presença, alegria, incentivo, parceria e ombro amigo.

A todos os funcionários, professores, professoras, colegas, amigos, da turma 3 do PROFLETRAS (UEPB do campus III em Guarabira-PB).

Aos alunos e alunas pela disponibilidade e colaboração em participar de forma espontânea desta pesquisa.

À professora Maria Suely da Costa que, além de orientadora, teve um papel fundamental de incentivo, apoio, partilha e direcionamento sempre presente em todo o processo da produção dessa pesquisa.

À professora Rosângela Neres por sua maestria na condução das aulas e de toda motivação, simpatia e alegria.

Aos presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff pela criação das políticas de educação em nosso país que proporcionaram a efetivação do Programa PROFLETRAS e assim, realizaram a qualificação e ascensão social de muitos profissionais de educação no Brasil.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio à educação no Brasil e, especialmente, ao programa PPROFLETRAS.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as contribuições do texto teatral na formação do leitor na perspectiva do letramento literário em uma turma de 8º ano de uma escola pública de Campina Grande-PB. Com o apoio da obra “Novas Aventuras de João Grilo”, de Lourdes Ramalho, o interesse esteve em propor ações pedagógicas com foco para o desenvolvimento de competências leitoras dos alunos, através de uma arte milenar capaz de alimentar o intelecto humano e incentivar uma ampliação na visão que se tem do mundo a nossa volta. Entende-se que a literatura enquanto a arte da palavra dispõe do potencial comunicativo da língua, na sua forma escrita e oralizada, e representa um recurso significativo que transforma a leitura em ação reflexiva, espontânea e prazerosa. Dentre o referencial teórico de apoio às discussões, destacam-se Solé (1998) que trata do sentido e interesse na leitura; Candido (1995; 2002) que defende o direito à literatura enquanto bem universal; Cosson (2014), Cosson e Souza (2011), que abordam a importância do letramento literário em seus usos sociais, como instrumento de inserção do indivíduo no mundo da escrita, enquanto fator de colaboração na compreensão do mundo e da necessidade da escola para a efetivação da prática da leitura de textos literários. Lajolo (1994), Maria (2002), Bamberger (1986) que falam da relação entre Leitura e prazer; Berthold (2001), Moises (2005), PCNs (1998) sobre a origem, estrutura e função pedagógica do teatro. A metodologia está orientada pela sequência básica de Cosson (2014). Acrescentamos à proposta de Cosson oficinas de teatro para fins de produção textual e encenação teatral pelos alunos. Os dados coletados demonstram que o texto teatral apresenta uma colaboração relevante para a formação dos indivíduos, pois através de seu potencial lúdico, favorece o desenvolvimento da aprendizagem de modo a expandir a concepção de mundo, a criticidade, a criatividade, a fruição da literatura, as relações sociais e a socialização do saber.

Palavras-chave: Texto teatral. Formação do leitor. Letramento literário.

ABSTRACT

This research aims to analyse the theatrical text contributions in the reader's formation in the perspective of literary literacy in an 8th grade class from a public school in Campina Grande-PB. With the support of the work "Novas Aventuras de João Grilo", by Lurdes Ramalho, it intend to propose pedagogical actions focused on the development of students' reading skills, through a millenarian art capable of feeding the human intellect and encouraging an amplification of the world vision around us. It is understood that literature as the word art has the communicative potential of the language, in its written and oralized form, and represents a significant resource that transforms reading into reflexive, spontaneous and pleasurable action. Among the theoretical reference that supported the discussions, stand out Solé (1998) who deals with the sense and interest in reading, Candido (1995; 2002) that defends the right to literature as a universal good, Cosson (2014), Cosson e Souza (2011), who point out the importance of literary literacy in its social uses, as an instrument of insertion of the individual in the writing world as a collaborative factor in the understanding of the world and the school need for the practice of reading literary texts. Lajolo (1994), Maria (2002), Bamberger (1986) that show the relationship between reading and pleasure; Berthold (2001), Moises (2005), PCNs (1998) about the the origin, structure and pedagogical function of the theater. The methodology is guided by the Basic Sequence of Cosson (2014). We added to the Cosson proposal, theater workshops for the purpose of textual production and theatrical performance by the students. The collected data demonstrate that the theatrical text presents a relevant collaboration for the formation of the individuals, because through its playful potential, it favors the development of the learning in order to expand the world conception, the criticality, the creativity, the fruition of the literature, social relations and the socialization of knowledge.

Key words: Theatrical text. Reader's formation. Literary literacy.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Oficina de leitura expressiva.....	42
Imagem 2 - Atividades de expressão corporal e facial.....	42
Imagem 3 - Oficinas de Interpretação.....	43
Imagem 4 - Montagem da encenação.....	44
Imagem 5 - Construção dos personagens.....	44
Imagem 6 - Ensaio da cena sobre consumismo.....	45
Imagem 7 - Alunos em momento de representação.....	45
Imagem 8 - Elenco recitando o trecho final da peça.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 LEITURA E LITERATURA: O PRAZER DE LER.....	13
1.1 Leitura e a formação do leitor.....	13
1.2 Literatura e letramento literário.....	17
1.3 Leitura e prazer.....	21
2 TEATRO: INSTRUMENTO DE INSTRUÇÃO E FRUIÇÃO.....	25
2.1 Teatro: aspectos da origem e função.....	25
2.2 Lourdes Ramalho: Por um teatro de denúncia e contestação.....	30
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.1 A natureza da pesquisa.....	37
3.2 Contexto de pesquisa.....	38
3.3 Etapas da proposta de intervenção.....	39
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	48
4.1 Do questionário de diagnóstico.....	48
4.2 Sobre a aplicação da sequência básica.....	58
4.3 Sobre as oficinas de teatro.....	63
4.4 Das respostas atribuídas ao questionário avaliativo.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXOS.....	87
APÊNDICES.....	102

INTRODUÇÃO

A Língua enquanto instrumento de comunicação e interação favorece o desenvolvimento da vida em sociedade, funcionando como veículo da aquisição das potencialidades intelectuais, culturais de formação do ser humano em um leitor proficiente, sujeito da transformação do próprio saber.

Por sua vez, a literatura enquanto a arte da palavra dispõe do potencial comunicativo da língua, na sua forma escrita e oralizada, através da qual tende a se apresentar com um potencial significativo na conquista de leitores, o desenvolvimento de práticas leitoras, transformando a leitura numa ação espontânea e, muitas vezes, prazerosa.

Contudo, na sociedade atual, é muito difícil se verificar uma relação dinâmica e prazerosa da maioria das pessoas com a leitura, que tende a ser evidenciada de modo mecânico, cujo ato de ler em muito se caracteriza pela decodificação de códigos linguísticos. No contexto da formação leitora, muitas vezes, a escolarização ignora o papel dinâmico que o texto exerce sobre o leitor e desenvolve seu trabalho cotidiano com base em respostas prontas, visando à reprodução dos saberes científicos acumulados, tornando-se desse modo inviável formar leitores capazes de enxergar, no ato de ler, uma aventura prazerosa.

Em vista dessa questão problemática na relação texto/leitor, é que nos disponibilizamos na realização dessa pesquisa que terá como base o texto do gênero dramático como instrumento central, no processo de formação de leitores. A abordagem desse gênero se justificou pela constatação do uso escasso do texto teatral em tanto em sala de aula, bem como nas pesquisas de trabalhos científicos desenvolvidos nas universidades. Justifica-se ainda pelo interesse em verificar as contribuições da inserção de uma prática de leitura textual, na condição de uso da palavra representada, compreendendo a produção estética como tradução e expressão de pensar e sentir o mundo.

A hipótese central é que a presença do texto teatral no cenário escolar pode contribuir para a formação de um ambiente prazeroso, de forma a possibilitar uma maior participação e interação, o gosto pela leitura e fruição do conhecimento, ampliando a visão que temos do mundo a nossa volta.

Na sociedade atual, a leitura vem ganhando espaço significativo pelo fato de exigir que o cidadão deva estar apto a articular um ponto de vista sobre o mundo,

nas experiências de leitura e produções discursivas concretizadas nos textos. Nesse contexto, pouca serventia terá quem se porta como mero decodificador de letras, sinais e códigos. Antes o posicionamento submisso frente à decifração de signos linguísticos, o que se espera são agentes capazes de compreender as mais diversas linguagens, expressões e formas simbólicas, configuradas quer por palavras, quer por imagens, exigindo do leitor um caráter reflexivo na construção e compreensão dos sentidos.

Considerando isso, uma proposta de leitura voltada para o letramento literário foi planejada para uma turma de 8º ano, do ensino fundamental, com o apoio do texto teatral. A compreensão da prática de letramento literário se refere ao “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária dos sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Para tanto, as atividades de leitura foram planejadas sob as condições necessárias para que alunos lessem o texto literário, observando sua estrutura composicional, dados biográficos do autor, além da temática para fins de compreensão e construções de impressões críticas a respeito. Dentre o referencial teórico de apoio às discussões, inscrevem-se Solé (1998), Candido (1995; 2002); Cosson (2014), Soares (2011), PCN (BRASIL, 1998), Berthold (2001), Moisés (2005) e outros.

A metodologia adotada, nesta pesquisa-ação, visava contribuir para o exercício da leitura prazerosa e também crítica, possibilitando o conhecimento do gênero teatro e suas especificidades, descritas no texto escrito, a exemplo de fala, movimento, interação, dentre outras. Isso porque os recursos empregados na linguagem teatral veiculam aportes para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Além disso, a experiência grupal de construção do conhecimento possibilita a prática da leitura, da reflexão e do posicionamento sobre os acontecimentos na nossa sociedade.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, encontra-se uma discussão a respeito da leitura e a formação do leitor, especialmente o leitor proficiente, o conceito de literatura e letramento literário e a relação entre esses dois fatores para o bom desempenho das atividades leitoras enquanto ato de prazer.

No segundo, tem-se uma breve discussão sobre a origem, estrutura e funções, no âmbito social e pedagógico, do teatro. Em seguida, o foco está no texto base: “Novas aventuras de João Grilo”(RAMALHO, 2014) (Anexo A), e na biografia

da autora Lourdes Ramalho, observando sua contribuição para a dramaturgia local, da região e do país.

No terceiro capítulo, encontram-se aspectos da metodologia da pesquisa e procedimentos utilizados, a caracterização do local e dos sujeitos da pesquisa, bem como a descrição da proposta de intervenção.

No quarto capítulo, tem-se a análise dos dados, com averiguações das atividades executadas, observando especificidades, benefícios e contribuições da proposta de leitura com texto teatral.

Seguem ainda as considerações finais com constatações acerca da pesquisa, além do referencial bibliográfico usado, os anexos e apêndices.

1 LEITURA E LITERATURA: O PRAZER DE LER

Neste capítulo serão abordados os temas relacionados à leitura e formação do leitor concebendo a leitura enquanto uma atividade que é direcionada pelo professor com vistas a desenvolver no aluno a capacidade de dominar além do código escrito, ou seja, de compreender que o ato de ler envolve uma concepção de ampliação da visão a respeito da realidade à sua volta, e esse domínio das habilidades da leitura, bem como da escrita, favorece a participação na vida sociedade de forma efetiva.

No item seguinte, trata das questões sobre literatura e letramento literário. A literatura concebida de acordo com Candido (1995) enquanto um bem simbólico, um direito universal e imprescindível a todos os seres humanos e que reside no interior de todos, indistintamente, cumprindo a função do despertar da sensibilidade e do nosso encantamento perante a vida, da reflexão sobre a realidade dentre outras possibilidades que são atingidas ou realizadas por meio do letramento literário que além de apresentar a literatura como ferramenta de fruição, de estética, nos revela ou reforça a tese da ampliação das capacidades de entender o mundo e aferir um sentido para nossa existência.

Por fim, a leitura realizada numa dimensão de deleite, de “refúgio” para um mundo particular em que poderá dialogar de forma livre com o texto, o autor e consigo mesmo. E esse hábito pode ser direcionado, motivado a partir da postura do professor como um também leitor que favorece o contato dos alunos com o mundo dos livros, da leitura.

1.1 Leitura e a formação do leitor

A leitura é responsável por definir, de forma significativa, a formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma.

A capacidade de ler é um processo adquirido pela aprendizagem. Essa aprendizagem pode ser construída de forma empírica na relação com o mundo ou de forma sistematizada através da formação escolar com a mediação do professor.

No que tange essa formação leitora adquirida no âmbito educacional e institucional, a concepção de leitura se tornará mais específica e abrangente a cada etapa de formação. Isso porque a leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação, por envolver-se muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito. Ela proporciona ao leitor, o contato com os significados, conforme seu conhecimento de mundo, possibilitando, assim, interpretação diversificada ao interagir com o texto.

O leitor realiza o processo de maneira ativa quando essa leitura enriquece, contribui com seu saber. Contudo,

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos como comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996, p. 48).

Desse modo, a prática de leitura requer uma formação. Ao avançar no domínio do código escrito, o aluno guiado pelo professor pode entender que a leitura proporciona uma concepção mais ampla da realidade. Isso porque a leitura favorece o enriquecimento cultural e intelectual; possibilita a ascensão social, pois favorece o acesso ao mundo da cultura letrada. A sociedade a qual pertencemos é regida pelo domínio do conhecimento, em especial do conhecimento escrito. Quanto mais se domina esse conhecimento, mais se pode ter participação ativa na sociedade.

O domínio da leitura possibilita maior interação, diálogo e conhecimento sobre o que existe no mundo material, assim como sobre nosso mundo interior. O autoconhecimento ajuda aos leitores a identificar e compreender diversas situações de comunicações e perspectivas. Desse modo:

A leitura tem-se revelado condição inalienável para o domínio da palavra oral e escrita no mundo contemporâneo, propiciadora de oportunidades para o autoconhecimento, para um acercamento mais efetivo das realidades que envolvem a vida e as relações sociais, para a análise e a expressão crítica de pontos de vista diferenciados, em linguagens múltiplas, artísticas ou não. (PEREIRA; PONCIANO 2012. p. 9)

Ler também é um exercício de construção do saber. A consciência e o domínio dos conhecimentos adquiridos por meio da leitura favorecem as posturas ativas diante das situações do cotidiano, colaboram no lado prático na preparação para a vida. “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26).

Com efeito, quanto mais competentes formos nas atividades relativas ao domínio da linguagem oral e escrita, melhor nos relacionaremos com o mundo de uma forma em geral, mais capacitados estaremos para interagir e participar da vida em sociedade. Lajolo observa que (2004, p.7):

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

É função da escola, pois, oferecer o acesso ao universo do conhecimento sistematizado e formar leitores proficientes. Essa função é mediada pelo professor que tem o papel fundamental de favorecer essa relação entre o educando e o mundo do saber escolarizado. Essa aptidão é adquirida por meio do domínio da linguagem, da língua; do código que rege a participação na sociedade por meio da escrita ou da oralidade, de maneira que esse conhecimento vá além da mera decifração de códigos, possibilitando o acesso ao universo letrado de forma a interagir, questionar, pensar e reformular o escrito.

Nesse sentido, os PCN de Língua Portuguesa indicam que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimentos. (BRASIL, 1998, p.21).

A escola tem um papel crucial de favorecer o acesso aos alunos dos conhecimentos linguísticos necessários que possam garantir uma formação social e cultural, de forma democrática, de leitores proficientes. Por sua vez, a formação de leitores competentes está completamente relacionada à formação de escritores eficientes, ou seja, a leitura e a escrita estão inter-relacionadas, como bem apontam os PCN:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente a formação de escritores competentes, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece matéria-prima para escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (BRASIL, 1998, p. 53).

Assim, dar-se a relevância em se trabalhar numa relação entre leitura e escrita através da contextualização dos conhecimentos que possa fazer sentido para a vida dos alunos, pois, conforme registra Antunes (2003), o professor não pode insistir na prática de uma escrita escolar descontextualizada, ou seja, sem leitor, sem destinatário e também sem conteúdo.

Na sociedade sempre há uma razão para a leitura e escrita, assim também tem que ser na escola, o aluno tem que saber o porquê da leitura e escrita, com sentido, com destino. Segundo Bakhtin (1995, p. 113),

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

A participação na vida em sociedade requer que aprendamos ou descubramos a importância do saber enquanto instrumento essencial para o entendimento e funcionamento do mundo. Nesse sentido, aprender a ler significa aprender a encontrar sentido e interesse na leitura. Significa aprender a se considerar competente para a realização das tarefas de leitura e a sentir a experiência emocional gratificante da aprendizagem. (SOLÉ, 1998, p.172).

De outro modo, a leitura e a escrita também podem ser vistas enquanto atos de prazer, bem como têm suas funções de contribuição pragmática nas ações do cotidiano. Pensando nesses aspectos e conscientes da importância da formação do cidadão aluno/a leitor/a é que realizaremos essa pesquisa.

Ensinar a gostar de ler é ensinar a se emocionar com os sentidos. A literatura, enquanto linguagem, a exemplo do texto teatral, tem muitas contribuições a oferecer nesse sentido, na formação de leitores.

1.2 - Literatura e letramento literário

“A arte existe por que vida não basta”, afirma Ferreira Gullar e ainda acrescenta: “Existe o mundo material, que independe de nós – o chão, o mar, as montanhas – cuja origem desconhecemos, e existe o mundo humano, da tecnologia, da religião, da arte – o qual inventamos para tornar a vida melhor”. (GULLAR, 2015, s/p). Desse modo pode-se conceber a arte enquanto alento, bálsamo, como espécie de sabor a nossa realidade que colabora nas respostas para as questões filosóficas acerca de nossa existência, aquelas relacionadas às “lacunas”, aos “vazios” da alma humana. De alguma forma, fundamenta nossas interpretações e nos viabiliza na compreensão do outro e do mundo.

A arte, a literatura, a poesia residem em nós e no mundo. Conforme Candido (1995), a literatura está presente em todas as criações que envolvem a poesia, a ficção ou a arte dramática, em todas as sociedades e culturas. É, pois, um bem espiritual essencial à existência humana. Tem-se acesso a ela por meio, principalmente, quando se permite utilizar a sensibilidade. Portanto, “[...] negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade” (CANDIDO, 1995, p. 235), seja como instrumento que nos auxilie a entender e dar sentido à vida ou como elemento constituinte da própria essência humana, a literatura exerce papel fundamental na nossa existência.

A literatura faz parte da nossa existência e desenvolve papel relevante na construção de muitas de nossas capacidades, especialmente no sentido de entender e interagir com a realidade, além de nos proporcionar o poder de lançar sobre ela um olhar de poesia, contemplação, de criatividade, de humanização; esta como sendo

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 176-177)

Dessa forma, entendemos que a literatura tem um papel relevante na formação de leitores. Quanto ao texto literário, devido à natureza da linguagem polissêmica, sua leitura desperta no leitor variadas reações que compreendem desde o prazer emocional ao intelectual. Ainda transmite informações a respeito de temas diversos como histórias sociais, existenciais e éticas (FARIA, 2010).

Contudo, em contexto pedagógico, esse potencial inerente ao texto literário, muitas das vezes, fica restrito ao emprego da língua/gramática enquanto pretexto. É muito comum encontrar em livros didáticos atividades em que as classes gramaticais estão inseridas sem nenhuma contextualização. O mesmo acontece com o texto literário que é usado como recurso de indicação e pressuposto para o estudo de conteúdos gramaticais. Ainda pode-se ver a explicação sobre o uso da norma culta com a citação de trechos, especificamente frases retiradas de obras literárias sem a devida contextualização das falas e dos seus significados.

Daí a relevância que o estudo da linguagem se dê numa abordagem mais ampla, levando em consideração o âmbito da situação discursiva em que foram produzidos os textos. Conforme registram os PCN, a língua representa

um sistema de signos específicos, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesma (BRASIL, 1998, p. 20).

Considerando isso, é importante a compreensão de que o ensino da língua não é um ato isolado dentro das situações de aprendizagem. Sabe-se que alfabetizar não é suficiente para ter acesso de forma eficiente ao mundo do conhecimento e da participação ativa na sociedade nas relações interpessoais e no mundo do trabalho. Assim, é preciso realizar um processo de letramento acerca de questões que envolvem o texto e sua leitura.

O letramento pode e deve ser utilizado enquanto instrumento da emancipação do leitor no mundo social, visto que a sociedade é regida num sistema de relações sociais de poder, de exclusão, de classes diferenciadas, de lutas, de direitos. O poder do conhecimento, da criticidade, da percepção da realidade e dos funcionamentos das relações sociais é fator fundamental para que cada estudante, leitor, possa se utilizar do domínio da leitura e escrita enquanto ferramentas cruciais

para a ampliação dos conhecimentos escolares e para a transformação da realidade. Assim,

[...] letramento significa bem mais do que o saber ler e escrever. Ele responde também pelos conhecimentos que veiculamos pela escrita, pelos modos como usamos a escrita para nos comunicar e nos relacionar com as outras pessoas, pela maneira como a escrita é usada para dizer e dar forma ao mundo, tudo isso de maneira bem específica. Falando de uma maneira mais elaborada, letramento designa as práticas sociais da escrita que envolve a capacidade e os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios determinados. (STREET, 2003, apud SOUZA e COSSON, 2011, p.102)

Conforme a citação anterior, o letramento literário se apresenta enquanto a concepção de amplitude das capacidades de manuseio e compreensão dos textos literários. Nesse sentido apresenta-se

como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler o texto em verso e prosa, mas dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética; saindo da condição de mero expectador para a de leitor literário. (SILVA; SILVEIRA, 2013, p. 96).

Segundo Souza e Cosson (2011), o letramento literário está inserido na expansão do uso do termo letramento, considerando haver múltiplos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Quando se fala em letramento literário, este apresenta uma relação singular com a escrita. Para melhor explicar essa relação entre letramento literário e escrita, os autores destacam três aspectos relevantes. Quanto ao primeiro, o foco recai sobre a especificidade da linguagem literária:

o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p. 17).

O segundo aspecto revela que o letramento através de textos literários favorece de forma privilegiada a inserção no mundo da escrita, pois direciona ao domínio da palavra a partir da própria palavra. Por fim, o letramento literário, para se efetivar, necessita da escola, requer um processo educativo específico que apenas a

prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar (SOUZA; COSSON, 2011). Esse processo de letramento de caráter singular se define como “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67).

Portanto, entende-se que o letramento literário não se restringe à habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois provoca no leitor uma atualização permanente em relação ao universo literário. Também não se resume um saber a um determinado conhecimento sobre a literatura ou os textos literários, mas, principalmente, a experiência de dar sentido ao mundo através de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

Com efeito, para o bom exercício da formação escolar e cidadã dos alunos, é necessário que a concepção e as práticas de letramento tenham como objetivo principal a formação de leitores, porém

não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive, posto que “[...] a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da língua quanto do leitor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos dizer e nos dizem de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo e nós mesmos. (SOUZA E COSSON, 2011, p. 106).

Dito isso, cabe, então, a pergunta: que caminhos se podem trilhar no sentido de possibilitar esse letramento que busca favorecer a formação cidadã do leitor crítico do acesso à literatura enquanto bem espiritual, direito de todos?

Conforme aponta Candido, um dos instrumentos, além da concepção do direito, é a luta pelo exercício do acesso a esses bens cruciais em nossa realidade. Isso porque,

[...] só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e neste domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil, onde a maioria da população é analfabeta, ou quase, e vive em condições que não permitem a margem de lazer indispensável à leitura. [...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. [...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 1995, p. 186-187)

Sabemos que as condições de acesso aos bens comuns, sejam estes de cunho espiritual ou material, estão inseridas na relação e nos processos sociais, históricos e ideológicos que compõem a estrutura da sociedade humana. Envolve uma série de implicações de ordens diversas como política, religião, economia e especialmente as relações de poder que favorecem determinada classe em detrimento da usurpação e exploração de outra.

Portanto, esse modelo de sociedade, do qual fazemos parte, é um desafio à nossa função de educar para a formação da consciência plena do direito ao saber enquanto instrumento da libertação da ignorância e da transformação da sociedade. A leitura pode ser uma ponte de grande relevância nesse sentido.

1.3 Leitura e prazer

A leitura é um exercício realizado com várias finalidades. No ambiente escolar, ela está relacionada à prática de uma necessidade presente no currículo para formar uma competência exigida dentre outras exigências ou, podemos dizer até, obrigações do processo ensino e aprendizagem. Não se pode negar que, para ter participação efetiva no mundo, é preciso dominar os mecanismos que constituem a sociedade, afinal convive-se em um contexto em que a palavra escrita é a norma geral para o acesso a leis, regras, informações, direitos, documentos dentre vários outros tipos de situações necessárias ao convívio social.

Já abordamos anteriormente a necessidade de formação dos leitores enquanto seres críticos, proficientes, pois se sabe que esse exercício é fundamental para a participação efetiva na sociedade e por ela somos exigidos a possuir tais capacidades. Outro aspecto relevante em relação à formação de leitores reside na perspectiva da leitura enquanto objeto de desejo, da vontade, do gosto sem ser uma necessidade de ordem obrigatória, mas ao contrário, seja um evento realizado pela própria ação, digamos, despretensiosa do leitor.

Referimos à leitura por prazer, como um exercício criativo, em que o leitor se entrega ao universo do deleite, da fruição, “sem compromisso existencial, em que se busca a satisfação e, em certa medida, o esquecimento.”(BRITTO, 2008, p. 99). Um universo particular entre o leitor, o texto, o autor, os personagens, o mundo da imaginação, da fantasia. Neste caso, em específico, se inscreve a leitura literária.

Mas como é possível formar leitores com esses hábitos? Sabemos que aprender a ler é um processo semelhante a qualquer outro tipo de aprendizagem. Aprendemos pelo processo de observação, repetição ou por meio do incentivo, seja dentro ou fora da escola. Considerando que, “Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.” (LAJOLO, 2004, p.7). Os leitores se constituem enquanto imitadores de outros leitores. De forma que pais, professores, amigos, colegas de trabalhos, personagens de filmes entre outros podem atuar enquanto colaboradores desse processo formativo dos leitores.

Contudo, se é possível aprender por imitação, é fundamental que os alunos percebam os professores enquanto potenciais leitores os quais possam imitar nessa prática. Afinal, não é concebível que desejemos despertar nos educandos algo que não reside em nós. Nesse sentido, de acordo com Silva (2002):

[...] a pessoa do professor constitui o principal fator para a promoção da leitura e, conseqüentemente, para a formação de leitores dentro da organização escolar: sem professores que sejam leitores maduros e assíduos, sem professores que demonstrem uma convivência sadia com livros e outros tipos de materiais escritos, sem professores capazes de dar aos alunos testemunhos vivos de leitura, fica muito difícil, senão impossível, planejar, organizar e instalar programas que venham a transformar, para melhor, os atuais procedimentos voltados ao ensino da leitura. (SILVA, 2002, p.69-70).

Portanto, cabe ao professor desenvolver metodologias que possam colaborar para uma visão da leitura enquanto momento de fruição, de descobrir os sabores, as cores que estão presentes nos textos que serão degustados nas atividades de leitura, durante as atividades escolares.

Daí a relevância em se proporcionar práticas que provoquem o contato dos alunos com esse universo lúdico, mágico da leitura. As possibilidades são diversas, a exemplo de trazer livros que esteja lendo, comentar de um trecho que o chamou atenção; pode-se proceder assim também com poesias, notícias ou um acontecimento passado em um telejornal ou programa de televisão, uma crônica, uma peça de teatro. Enfim, pode-se conversar sobre o que os alunos leem fora da escola, das suas escolhas literárias, inclusive das suas práticas de não leitura. De forma que,

Quando existe um espaço para discutir as leituras, com a possibilidade de inúmeras interpretações, começamos a desenvolver a curiosidade e o desejo de ir além, explica Mónica Rubalcaba, professora de Letras da Universidad Nacional de La Plata, na Argentina. Com isso, os alunos vão passar a ver a leitura não como uma tarefa escolar, mas como um hábito cotidiano. E você também. (MEIRELLES, 2010, s/p.).

Assim, entender as condições que estimulam o hábito de leitura ou que o impedem e, sempre que possível, colaborar para que percebam o quanto é mágico e prazeroso estar mergulhado no universo literário, é muito relevante para a formação do leitor na perspectiva de se criar o gosto de ler.

Portanto, a troca de informação com outros colegas, projetos, atividades, associados sempre ao exercício constante e fundamental da leitura ou das leituras diárias são algumas das estratégias essenciais que se apresentam como opções possíveis nesse processo de formação de leitores. Por meio de debates ou a simples partilha das leituras, é importante que o aluno sinta que sua contribuição é relevante, de forma “que todos tenham direito à sua própria palavra”. Maria (2002, p. 53).

Consideramos significativo que os alunos sejam convidados a se colocarem na condição de autores ou coautores, que vejam no texto um instrumento do seu pertencimento ao grupo, da sua participação na construção do processo pedagógico, compreendendo, assim como afirma (MARIA, 2002, p. 53), “Para que alguém se torne leitor parece necessário que haja uma experiência de prazer do texto: que em algum momento da vida um certo texto corresponda a uma necessidade ou carência, a uma busca ou desejo...”.

Considerando isso, o texto final produto da intervenção foi elaborado com a participação da turma para que eles pudessem perceber a escrita enquanto veículo do direito à voz e percebessem, no texto, um elemento de sentido da sua própria voz para a aprendizagem.

Segundo Bamberger (1986, p. 58), “(...) Só se atinge o objetivo do ensino da leitura – o desenvolvimento do gosto literário e da capacidade crítica – quando se começa com os interesses existentes, tentando constantemente expandir-lhes o horizonte”. Nesse sentido, as atividades com o texto literário também servem de

possibilidades para que os alunos possam exercitar sua capacidade de observar, criticar, analisar a realidade e se sintam capazes de ampliar sua visão de mundo.

Uma vez que a escola pública é o ambiente de aplicação da pesquisa em questão, é nesse ambiente que se deve, especialmente, travar a luta pelo direito e acesso ao conhecimento. Daí a relevância em oferecer meios para se compreender a leitura como um instrumento que nos possibilita várias ferramentas de participação social, seja como conteúdo de informação, seja como objeto de atividade de leitura de fruição e prazer, permeado pelo contato com os elementos presentes no texto.

2 TEATRO: INSTRUMENTO DE INSTRUÇÃO E FRUIÇÃO

Neste segundo capítulo consta uma breve discussão a respeito do teatro considerando sua origem, estrutura e funções, no âmbito social e pedagógico. Na sequência, faremos uma apresentação da biografia da autora Lourdes Ramalho, apontando a importância de sua produção para a dramaturgia local, da região e do país. Por fim, trataremos do texto base de nossa pesquisa: “Novas aventuras de João Grilo” (RAMALHO, 2014) (Anexo A), apresentando as motivações que nortearam a escolha do texto para o trabalho em sala de aula em seus vários aspectos relativos a sua estrutura que abrange desde a estética em que há mescla da poética e do texto dramático, as críticas e reflexões quanto à problemáticas sociais e diversas possibilidades de temáticas a serem abordadas através da obra em estudo.

2.1 Teatro: aspectos da origem e função

No início era o verbo... E habitava nas paredes... Se fez ação, saiu das paredes das cavernas, ganhou forma. A leitura, a compreensão e a interação dos nossos antepassados com o mundo ficaram registradas em cavernas, pedras etc. O que nos primórdios da humanidade representava apenas símbolos e uma forma rudimentar de se expressar, com o decorrer do tempo e do desenvolvimento das técnicas e de elaboração e compreensão sobre os códigos da escrita, mostrou-se cada vez mais como uma capacidade de compreender e interagir, enfim de como se dá o processo de leitura do mundo.

Assim como aconteceu esse processo de ressignificação, de transformação da simbologia em uma linguagem mais elaborada que transferiu as imagens para o papel com a evolução da escrita, um processo inverso tira a palavra do papel e a transforma novamente em arte da representação prática. Não mais uma arte rupestre, o que não significa de menos valor, mas uma arte enquanto expressão da leitura, da interpretação dos atores no processo de construção das personagens por meio da linguagem teatral, dramática.

A palavra no papel representa ideias, ideais, sonhos, aquilo que antes existia apenas na cabeça do escritor, em um âmbito particular, individual. Através da encenação, ao serem lidas, compreendidas, vivenciadas e interpretadas as palavras

ganham vida. Com o texto em movimento pelas personagens em ação, a vida se concretiza na arte do palco. Assim, os símbolos gráficos passam ao contexto coletivo da interação, do diálogo.

O teatro se caracteriza em manifestação das ações humanas. Por meio da linguagem e da palavra essas manifestações se tornam concretas. Estabelece-se, assim, uma comunicação entre os seres humanos, a natureza e tudo que o circunda, pois, através da aquisição da linguagem, o ser humano demonstra o seu domínio nas relações.

Segundo Berthold (2001), tão velho quanto à humanidade, o teatro, manifesta-se desde os primórdios do homem. É uma das formas arquetípicas dessa expressão humana está na magia da transformação de uma pessoa em outra. Cronologicamente, a origem do teatro se deu com o teatro egípcio, o chinês, o indiano, e, posteriormente, o teatro grego. A manifestação cultural do teatro atingiu seu apogeu na Grécia antiga, especialmente em Atenas. Em todas essas regiões, o elemento comum era a associação do ritual religioso com as expressões artísticas do teatro.

Ainda de acordo com Berthold (2001), em suas origens, o teatro grego estava relacionado com os cultos prestados aos deuses, através de rituais de sacrifícios, dança e de culto. Esses rituais eram destinados aos deuses como forma de agradá-los ou de agradecimento. Na cultura grega, o deus Dionísio era homenageado nos rituais denominados de dionisiacas, a festa do vinho.

Os gregos marcam a história do teatro com a inovação de Téspis, primeiro ator e produtor cultural da Grécia que estabelece novos papéis e também novos estilos de dramaturgia. Considerado o primeiro ator do mundo ocidental, Téspis, muda os padrões da cena teatral ao inserir o monólogo, usos de máscaras, maquiagens dentre outros recursos:

[...] a este ator propriamente foi dado o nome de protagonista, termo que ainda hoje empregado para nomear o personagem principal de uma peça. [...] Ousou ao apresentar-se munido de máscaras e vestindo uma túnica, interpretando em monólogo o deus Dionísio, na Grande Dionisiaca da Grécia Antiga, em Atenas, (534 a. C.). A sua ousadia maior estava no fato de que o papel de um deus era reservado aos sacerdotes ou aos reis. No mínimo tal atrevimento representava um desrespeito às autoridades da cidade como o

arconte e o legislador. Porém o sucesso foi tão avassalador que nada lhe aconteceu além da ovação popular.¹

Ao inovador Téspis, também se pode creditar a evolução dos festivais em culto a Dionísio. O teatro se torna um evento que seria realizado também nas cidades.

O teatro grego era dividido em dois gêneros principais: a comédia e a tragédia. Na visão de Moises (2005), esses dois gêneros são suportes para outras formas de expressão cênica. Assim,

[...]A tragédia consiste numa representação "séria", grave, tensa, em que se jogam destinos no ápice de suas possibilidades, lançadas em situações-limite, que não raro arrastam à morte. A comédia gira em torno do ridículo e da alegria decorrente. Quando o ridículo e a alegria são levados às últimas consequências, temos a farsa. No melodrama, põe-se demasiada ênfase nos aspectos que conduzem à comoção e à lágrima. E a tragicomédia explora a aliança entre a gravidade da tragédia e a ligeireza da comédia. Sendo, como são, meros moldes em que se vaza a matéria teatral, é natural que apresentem muitos pontos de contacto. (MOISES, 2005, p. 205)

A tragédia, considerada de caráter elevado, tratava dos sentimentos nobres como a dor, o amor, a morte etc. Na visão de Aristóteles (1996), a tragédia provocava nas pessoas a sensação de descarga emocional, uma catarse, uma espécie de purgação, purificação dos sentimentos. Esse gênero apresentava em seus personagens figuração de pessoas da aristocracia, nobres como reis e deuses, heróis. Retravam histórias dramáticas e trágicas que culminavam em um final infeliz, como um destino predeterminado pelos deuses. Segundo, Moisés (2005, p. 257),

[...] personagem trágica se comporta como se cumprisse ordens de um fado inexorável, encaixada que está num quadrilátero em que joga definitivamente seu destino, pré-traçado pelos deuses (como na tragédia grega), ou pelo mecanismo das circunstâncias (como na tragédia clássica moderna). À mercê dos desígnios divinos, ou da conjuntura social, o protagonista trágico desconhece os meios de alterar por suas mãos o futuro que lhe foi escolhido. (MOISÉS, 2005, p. 257),

¹ TÉSPIS DE ICÁRIAS OU DE ÁTICA. Disponível em: <
<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/TespisAt.html>> Acesso em Fev 2017.

Pode-se entender, então, que a tragédia representava uma espécie de retratação da realidade, um meio de indução ideológica de obediência e temor aos deuses, pois que a certeza da infelicidade era elemento integrante e relevante do conteúdo desse gênero dramático. Desse modo, a arte teatral representava uma forma de doutrinação política por meio da encenação dos destinos reservados aos condenados de maldições divinas.

A comédia, diferentemente da tragédia, era considerada uma arte menor. Abordava temas do cotidiano da vida dos homens comuns. De acordo com Moises (2005, p. 236) “[...] um ingrediente relevante na comédia, sobretudo na de situação: o desconhecimento, que ocasiona os quiproquós e confusões que motivam o riso, e, portanto, o cômico”. Segundo o autor, há um ponto em comum entre os dois gêneros: “a tragédia (bem como a comédia) exige absoluta concentração de efeitos, o que significa abolir tudo quanto possa assumir feição de supérfluo ou marginal” (MOISES, 2005, p. 262).

Do ponto de vista pedagógico, esses dois gêneros teatrais da arte literária representam uma importante ferramenta na formação de leitores, espectadores. Isso se deve ao fato de possibilitarem vivenciar, de forma aprazível e lúdica, tanto o riso quanto a dor ou forma crítica, analítica de enxergar a realidade trágica representada.

Como afirma Candido (2002, p.175): “A literatura confirma, nega, propõe e denúncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. De forma que a leitura do texto teatral também se insere na possibilidade do aluno poder brincar com a imaginação através dos personagens, reinventando o texto por meio de suas vivências e também por meio da leitura analítica dos temas presentes nos textos.

Para uma melhor apropriação dos aspectos inerentes ao texto teatral, faz-se necessário entender a respeito de sua estrutura. Assim, o leitor precisa atentar para o fato de que este texto é diferente de um conto ou de um romance: a diferença não é somente na sua aparência formal, bem como em sua estrutura (ou seja, um texto destinado à representação). A análise também deverá levar em conta os pormenores estruturais. O texto teatral difere basicamente dos outros pela sua estrutura fundamental e sua maneira de se dividir (atos, cenas, quadros, etc.). O Teatro ainda proporciona contato direto com outras artes, como a música, a dança, etc., possibilitando um maior desenvolvimento da imaginação em decorrência do

contato com textos teatrais, de forma que, uma vez conhecendo a respeito desse gênero, o leitor pode arquitetar na imaginação toda a peça. (MOISES, 2005).

A relação entre leitores e textos, mais especificamente, entre leitor e texto teatral, mostra-o enquanto arte que liberta, auxilia no combate da alienação, favorece a vivência, a convivência e capacidade de imaginação. Parte-se da ideia de que

A arte é libertária e o teatro é, sem dúvida, das Artes, expressão libertária por excelência. A possibilidade de “re-viver” sentimentos e situações sem barreiras de tempo e espaço, de presenciar fatos de verdade ocorridos ou apenas existentes no imaginário do autor, possibilita resgate do indivíduo e da sociedade. (MIRANDA, 2009, p.172).

Sendo assim, a arte possibilita dar asas à imaginação, favorece ao desenvolvimento do senso crítico e colabora para o conhecimento amplo acerca da realidade. Os PCN registram que:

No dinamismo da experimentação, da influência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. (BRASIL, 1998, pág. 84.)

Desse modo, em observação ao pensamento de Candido (1995), a literatura é um direito, um bem comum que deve ser utilizado na libertação, na compreensão e transformação da realidade do leitor. O teatro enquanto texto literário inscreve-se como uma arte que tem papel fundamental na formação do leitor, uma vez que tende a favorecer no desenvolvimento da imaginação, da criatividade, do senso poético, da criticidade, do espírito de pertencimento ao social.

2.2 Lourdes Ramalho: Por um teatro de denúncia e contestação

Maria de Lourdes Nunes Ramalho nasceu em 1923, em Jardim do Seridó, na fronteira do Rio Grande do Norte com a Paraíba, reside na cidade de Campina Grande-PB, desde o ano de 1958. De acordo com Maciel (2005, p. 9) “Suas primeiras experiências no sentido de registrar no papel, de forma dramatizada, hábitos, falares e visões de mundo de mulheres e homens comuns da sua região foram feitas ainda na adolescência”. A obra literária de Lourdes Ramalho é apontada como um ato político, seus escritos representam o espaço para a voz dos oprimidos:

[...] mesmo sendo filha de proprietários de terra e, posteriormente, esposa de um juiz, preferiu representar o povo mais simples em suas peças. Sem se despreocupar com a qualidade estética de sua obra, seus textos, frequentemente, apresentam forte componente de denúncia e reflexão social da vida dos nordestinos. Mesmo não estando associada a movimentos políticos e/ou partidários, através de sua escrita tomou partido por representar as mazelas e alegrias de sua gente, quase sempre pelo olhar das classes subalternas. (CUNHA, 2016, s/p).

A influência da veia artística da família formou a consciência questionadora de Ramalho. A autora analisa, critica, denuncia. Essas características se manifestaram ainda muito cedo em sua personalidade. Prova disso é que quando ainda criança já mostrando sua veia contestadora. Provoca polêmica ao utilizar o teatro como instrumento para criticar e denunciar a estrutura e as condições da escola na qual estudava. Segundo Andrade e Lúcio (2009, p. 40-41),

Pelos idos de 1939, a jovem Lourdes, então com 16 anos e aluna interna do Colégio Santa Margarida, Recife (PE), indignada com a precariedade de condições da instituição, escreve seu primeiro texto teatral propriamente dito, uma comédia com quatro personagens, criticando a falta de professores qualificados e denunciando os maus-tratos dispensados ao alunado, inclusive a má qualidade da alimentação e as medidas disciplinares abusivas. O texto foi montado pela própria autora e encenado na festa de encerramento do ano letivo do colégio, detonando um embate entre pais e mestres que resultou na expulsão da aluna-escritora.

A paixão da referida autora pelo mundo do teatro, da literatura, foi alimentada no ambiente familiar, sempre em contato com cantorias de viola, poesia, folhetos de cordéis. O Bisavô, Hogolino Nunes da Costa era tocador de viola e repentista, vários tios também eram violeiros, atores e cordelistas; e a mãe de

Lourdes, Ana Brito, Professora e escritora, incentivava a jovem autora a praticar o teatro enquanto sua brincadeira favorita. Assim, Lourdes Ramalho começou sua carreira de dramaturga muito cedo:

[...] Desde os 12 anos de idade, quando ‘brincar de teatro’ era sua diversão favorita. Incentivada pela mãe, Ana Brito, professora e escritora afeiçãoada ao teatro, a menina Lourdes colocava no papel as falas e as ações das personagens que re/inventava e, em seguida, comandava os ‘ensaios’ para as apresentações, de que também participava e que aconteciam em reuniões familiares e escolares. Datam deste período as primeiras versões de alguns textos teatrais escritos pela dramaturga para o público infantil [...] (ANDRADE; LÚCIO, 2009, p. 41)

Conforme Andrade e Lúcio (2005), os originais e outros textos destinados para o público passariam por um processo de reescrita, uma lista de mais de cem textos teatrais, alguns ainda não publicados. No início da carreira, muito de seus textos escritos foram jogados fora por ela mesma. A jovem escritora não se preocupa em outra coisa senão fazer como a própria mãe orientava: brincar de teatro de forma despretensiosa. O ofício de escritora com o tempo passou a ser dividido com a função de professora, pois ainda adolescente, iniciou a atuação no magistério como auxiliar de classe em um dos colégios fundados por sua mãe.

As temáticas representadas nas peças de Lourdes Ramalho abordam assuntos de natureza muito diversa. Seus textos tratam da realidade numa mistura que remete do divino ao vulgar, do trágico ao burlesco, das brincadeiras e expressões da tradição oral à denuncia do abuso nas relações de poder que abrangem o cenário político-social, ao papel de submissão sofrido pela mulher no ambiente doméstico no regime do patriarcado. De acordo com o site “Personalidades da Cultura Jardimense”:

[...] Nestes textos, que formam o primeiro ciclo desta dramaturgia, estão em discussão a seca, o êxodo rural e os abusos de poder político local, lado a lado com questões relacionadas a vinganças familiares e amores impossíveis que acabam tragicamente. Opõe-se, outra hora, o rural e o urbano, o ingênuo e o esperto, o privilegiado e o discriminado, o opressor e o oprimido. Joga-se, formalmente, com o sério e o burlesco, o trágico e o cômico, o sublime e o vulgar, a indicar os contrastes tão próprios da vida humana e revelando, ainda, a dramaturga engajada.²

² PERSONALIDADES DA CULTURA JARDINENSE - escritora Lourdes Ramalho. Disponível em<: http://amigosdaculturadejardimdoserido.blogspot.com.br/2012/05/personalidades-da-cultura-jardinense_30.html>. Acesso em Jan 2017.

Ainda segundo o site, a escrita de Lourdes Ramalho se prontifica a denunciar a corrupção no universo político na conquista pelos votos, a ganância pelo poder, bem como as consequências trágicas provocadas por práticas socioculturais fincadas na assimetria das relações de gênero.

Com uma significativa produção, aos poucos a escritora Lourdes vai ganhando espaço na dramaturgia brasileira, tendo seu talento reconhecido. Assim também, esta pesquisa contribui para que os alunos tenham conhecimento da produção de uma escritora paraibana que já recebeu vários prêmios no âmbito nacional e internacional. Obteve reconhecimento no Brasil, em Portugal e na Espanha. Entre as premiações podemos citar algumas que a sua obra “As velhas” conquistou:

Primeiro lugar no III Festival da Federação Nacional de Teatro Amador, em Ponta Grossa-PR em 1975 ganhando também os prêmios de Melhor Atriz e Melhor Partitura Musical; Melhor espetáculo no XII FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica em Portugal no ano de 1990; Prêmios de Melhor Atriz Coadjuvante, Melhor Ator Coadjuvante e Destaque em Dramaturgia no V Festival Nacional de Arte da Paraíba; Prêmios de Melhor Espetáculo e Melhor Figurino no VIII Festival Nacional de Teatro de Anápolis-GO, Prêmios de Melhor Texto Original, Melhor Atriz Coadjuvante e Melhor Direção no V Festival de Teatro Nordeste de Guaramiranga-CE. (MEDEIROS, on-line)

De acordo com Lúcio (2005, p. 11), o trabalho literário de Lourdes Ramalho representa “uma obra com qualidades estéticas superiores. [...] a escritora mergulha nas fontes populares: literatura de cordel, contos de fadas, personagens e tipos oriundos de diferentes manifestações da cultura popular nordestina, etc. [...]”. A autora também se dedica ao universo infantojuvenil, de modo que

revisita personagens, fábulas e procedimentos estéticos da literatura popular em verso e de contos de fadas, além de provérbios e danças dramáticas, realizando uma mistura de versos e ritmos, tudo envolto num clima de magia, brincadeira e festa, próprio da cultura popular e, igualmente, do teatro infantil. Textos como Novas aventuras de João Grilo, Dom Ratinho e Dom Gatão, O diabo religioso, Maria Roupas de Palha e Anjos de Caramelada, além de muitos outros, instituem este mundo de fantasia, recriado a partir do teatro popular de rua, do

circo, das histórias de folheto de cordel, a que não falta, porém, a crítica social incisiva característica da produção da autora (ANDRADE, on-line)³.

Desse modo, tendo em consideração essas diversas possibilidades temáticas, é que selecionamos para o trabalho em sala de aula o texto intitulado “As novas aventuras de João Grilo” (em anexo). O texto faz parte da obra intitulada *Teatro infantil coletânea de textos infanto-juvenis, 1 ed. (2004)*, que reúne quatorze textos de teatro, todos da autoria de Lourdes Ramalho. Além da concepção estética no aspecto poético, em sua obra, podemos ter acesso à história de um herói, embora não tão corajoso e esperto:

Herói popular numa batalha contra os monstros Poluição, Corrupção e Inflação. Grilo é “fraco”, covarde tolo mole e medroso” até se transformar no valente “Cavaleiro Andante – em busca do santo Graal”. Suas armas são uma “espada enferrujada e uma espingarda sem ação”. Durante as batalhas reclama o tempo todo: “Meu gibão já está roto, me dói o dedão do pé”. Mesmo sem as suas armas – “Já não tenho asa nem perna, espingarda nem gibão/ Nem espada, nem coragem, nem fé nem disposição” – Grilo vence a luta e segue em busca de novas aventuras. (LÚCIO, 2005, p. 24 GRIFOS DO AUTOR)

No sentido de oferecer uma melhor compreensão a respeito do conteúdo da obra, apresentaremos o enredo, indicando as páginas das quais os trechos foram citados.

“Novas Aventuras de João Grilo” é um texto que apresenta as falas sob uma linguagem em rima. Os personagens Gênio, Gnomo, dentre outros clamam por socorro, pois “A alma da mata morre (p. 07); [...] A natureza falece – tudo está sofrendo!”(p.07). Para salvá-la, são convocados pelo espírito das águas com urgência para uma assembleia extraordinária através da qual decidem ir em busca de “remédio” que “[...] o mal possa vencer [...] o grande medicamento que nossa mãe vai curar.”(p.07). A solução está na água no cálice sagrado, o santo Graal e para encontrá-lo decidem realizar uma cruzada com a ajuda de cada ser vivo e do “homem que será o guia, o cavaleiro andante, valente, forte e brigão”(p.08). Mas “Tem de ser homem de força [...] que o mundo encha de glória”(p.08). Nessa empreitada se deparam com João Grilo e percebem que não é o líder virtuoso e

³ Lourdes Ramalho, a dramaturga quase esquecida. Disponível em: < <http://revistaraiz.uol.com.br/portal-raiz/portalraiz.php?cod=709&rel=5>>. Acesso em Dez de 2016.

vigoroso que procuravam: “Dorme! Vejam é franzino, não tem força pra lutar! (p.09)” E se questionam sobre as capacidades de João Grilo para liderar a missão: “Será este que o destino a nós veio reservar?”; “Você é forte, valente, disposto, audaz, perigoso”? (p.09). Ao que o próprio João responde: “Sou fraco, covarde, tolo, comilão, mole e medroso!”; “[...] só toco viola – de espingarda e facão nada entendo, e tenho medo de assombração!”(p.09). Apesar das recusas, fraquezas e o medo manifestados por João, os destemidos guerreiros o encorajam, incentivam-no a participar da tarefa e o escolhem como o líder que os levará a combater os monstros que assolam a natureza e todos os seres vivos.

Esses monstros são representados pela Poluição, a Corrupção e a Inflação, três figuras bastante conhecidas da espécie humana. A primeira que aparece e precisa ser enfrentada é a poluição, como a mesma fala: “Pertence aos poderosos, vai se alastrar, vai crescer” (p.09), pode-se fazer uma referência ao poder do capitalismo relacionado ao prejuízo industrial causado à natureza, como a Água denuncia: “Há fumaça pelos ares, há veneno pelos rios”(p.10). E como a própria poluição confirma: “Solto rolos de fumaça, faço o céu escurecer, estrago rios e matas - peixes, bichos vão morrer!” (p.10).

Após a derrota, a poluição foge, e outro desafio aparece: a corrupção. Caracterizada pelo texto como “O dragão da hipocrisia, rei de toda ambição! Filha de toda maldade; Numa mão traz crueldade, miséria na outra mão! [...] Rouba o leite das crianças, dos velhos rouba o tostão!”(p.11). Ao ser derrotada a corrupção desaparece, e os valentes heróis após um descanso voltam à busca do cálice sagrado e, munidos da verdade e da paz, se deparam com a inflação, “bicho tirano, polvo de mil bocas, que a todos vive a sugar!”(p.12). No início do desafio, João se sente cansado, temeroso, sem forças para a luta: “Bato pé, faço carreira, que bicho feio e bufão/ Dou a volta na ladeira pra me livrar do vilão! (p.12). Porém encorajado pelos amigos: “Ataca, pega o insolente” [...] Enfrenta, mete o pau nele (p.12)!” E sentindo-se desafiado a salvar os amigos, o agora valente cavaleiro decide enfrentar mais um inimigo: “Eu não me chamo João Grilo – cantador deste sertão/ se consentir que esse monstro nos amarre pé e mão!”(p.12)

Terminado o combate, a história prossegue na busca pelo santo graal e com João destemido, decidido a enfrentar todo perigo que cruze seu caminho e coloque em risco a vida de seus semelhantes: “Já que tenho consciência é porque tenho razão / Então devo ter coragem de morrer por um irmão! [...] eu lutarei contra o mal! /

Se não andar – me arrasto em busca do Santo Graal!”(p.13). O herói assume a responsabilidade da busca do remédio sagrado e segue confiante seu destino de salvar a natureza.

Com relação à estrutura, mesmo sendo do gênero teatral, o texto não apresenta rubricas⁴; está composto no estilo de “cordel”. Assim, tem-se uma narrativa desenvolvida em frases curtas de dois versos que apresentam de forma muito constante o recurso da rima, além da linguagem figurada e poética, num jogo de palavras que favorece a fluência da leitura e da declamação, além, logicamente, da interpretação. Como pode ser observado no trecho abaixo:

VOZES - Socorro! – Quem viver venha correndo!
 Alma da Mata está morrendo!
 GÊNIO - Quem vem lá, quem nos socorre?
 GNOMO - A Alma da Mata morre!
 ÁGUA - Sou o Espírito das Águas – a todos clamo com urgência,
 assembleia extraordinária – para pedirmos clemência!
 GÊNIO - Acode depressa, acode! – Nossa mãe está morrendo!
 A Natureza falece – tudo, tudo está sofrendo!
 ÁGUA - Venha o Rei dos animais, a Imperatriz dos insetos,
 venha a Rainha das aves – nosso futuro é incerto!
 GNOMO - Nossa mãe Alma da Mata está prestes a morrer,
 precisamos de remédio que o mal possa vencer!
 GÊNIO - Já que estamos reunidos – a quem cabe ir buscar
 o grande medicamento que nossa mãe vai curar?(p. 07)

É possível afirmar que a ausência das rubricas possibilita a liberdade para o exercício da imaginação do leitor em construir as cenas, as ações da narrativa como um processo de recriação da história que ganha vida ao sair do papel para a mente do leitor, seja como exercício de leitura para conhecimento do conteúdo, leitura dramática ou para a montagem do texto como espetáculo representado no palco.

A peça é composta de apenas um ato, dividido em 5 cenas curtas, que estão sinalizadas pelo aparecimento de cada novo personagem, especialmente dos personagens representados pelos monstros e pelo início e fim de cada novo duelo, entre os monstros e os defensores da natureza e dos seres vivos. As ações decorrem numa dinâmica de bastante movimentação devido à própria estrutura do

⁴ Didascália ou rubrica são indicações cênicas para indicar como determinada ação, como determinada cena, como determinado espaço ou como determinada fala devem ser feitos em uma peça de teatro. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Didasc%C3%A1lia>. > Acesso em maio de 2017.

texto que funciona como um desafio em forma de diálogo que exige a imediata participação dos personagens na conclusão das falas.

Portanto, diante dos aspectos apontados acerca do texto base de estudo da proposta de intervenção desta pesquisa, podemos dizer que trabalhar com a obra literária de Lourdes Ramalho possibilitou, de uma forma muito significativa, realizar uma prática pedagógica a favorecer o desenvolvimento de capacidade leitora na perspectiva do letramento literário.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste terceiro capítulo, apresentamos os aspectos da metodologia da pesquisa e procedimentos utilizados, que estão orientados pela sequência básica de Cosson (2014), acrescida da produção e encenação de um texto teatral produzido

pelos alunos com orientação do professor; ainda trataremos da caracterização do contexto e dos sujeitos participantes da pesquisa, e concluímos com a descrição das etapas da proposta de intervenção.

3.1 A natureza da pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa-ação. Segundo Vergara (2006, p. 49) a “pesquisa-ação é um tipo particular de pesquisa participante e de pesquisa aplicada que supõe intervenção participativa na realidade social. Quanto aos fins é, portanto, intervencionista”.

De acordo com Thiollent (2005), a pesquisa-ação é de cunho social e realizada através de uma estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

No caso da pesquisa em questão, a problemática está voltada para a realidade de leitura dos educandos do ensino Fundamental em uma escola pública. A participação ativa da turma de alunos em todo o processo foi essencial para que pudéssemos acompanhar o desenvolvimento e os resultados atingidos com base no trabalho desenvolvido.

Este é um tipo de pesquisa que “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” (MINAYO, 2000, p. 22). Portanto, através dos instrumentos de coletas de dados, os questionários foram utilizados no sentido de aferir a participação dos alunos nas atividades e priorizamos a busca pelos resultados de forma qualitativa. Assim, a discussão segue estrutura analítico-descritiva, na qual as informações serão postas de forma que não se limite aos dados ou números estatísticos.

O direcionamento metodológico das atividades da proposta de intervenção teve como base a sequência básica de letramento literário de Cosson (2014) constituída por quatro etapas: 1) Motivação (preparação do aluno para a leitura do texto literário); 2) Introdução (apresentação do autor e da obra); 3) Leitura (acompanhamento da leitura por parte do aluno e do professor); 4) Interpretação (construção coletiva, por parte de alunos e professores, do sentido do texto).

Acrescentamos à proposta de Cosson a apresentação de uma encenação teatral, orientada pelo pesquisador, mas elaborada e representada pelos próprios alunos, com temática escolhida por eles.

Os procedimentos adotados na execução das atividades seguiram o direcionamento para que os alunos pudessem vivenciar experiências que proporcionassem a leitura de forma lúdica, prazerosa e reflexiva de modo a possibilitar uma formação leitora de diálogo leitor/texto/autor.

Para finalizar as atividades, foi realizada uma avaliação que consistiu no registro dos alunos, através de uma atividade escrita, em que poderiam expressar suas impressões, comentários e críticas acerca do processo.

3.2 Contexto de pesquisa

As atividades foram desenvolvidas em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Campina Grande-PB, que funciona nos turnos da manhã e tarde. O público alvo da pesquisa está composto por uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental formada por 28 alunos (10 do sexo masculino e 18 do sexo feminino), com idade entre 13 a 14 anos; três residem na Zona Rural e a maioria em Zona urbana. Todos pertencentes a famílias de baixa renda.

A Escola teve sua origem em 1968, durante a gestão do governador João Agripino Filho, funcionando provisoriamente nas instalações do Colégio Anita Cabral, sob a direção do Dr. Estácio Wanderley, atendendo aos alunos do antigo 1º grau (Ensino Fundamental) diurno.

Atualmente, a referida escola apresenta o seguinte quadro: 24 Professores, 01 gestor e 02 diretores adjuntos; 01 Porteiro; 02 secretárias; 02 funcionárias de apoio que também trabalham como inspetores de alunos; 03 funcionários de serviços gerais; 02 Merendeiras; 02 profissionais pedagogas para assistência ao aluno (orientação); 02 funcionários para atuar com recursos didáticos (data show, sala de informática, lousa digital, etc).

A estrutura física da escola é composta de 14 salas de aula; 01 refeitório; 01 biblioteca; Atende 560 alunos distribuídos em 20 turmas do 6º ao 9º ano com faixa etária de 11 a 15 anos.

3.3 Etapas da proposta de intervenção

A proposta de intervenção teve como foco a leitura do texto teatral com alunos do Ensino Fundamental, o trabalho foi baseado na obra “Novas aventuras de João Grilo”. O entendimento a respeito do gênero foi o motivador para abertura das ações, bem como para a apresentação da autora Lourdes Ramalho e sua produção literária.

Dentre as atividades executadas, registram-se: aplicação de um questionário de sondagem; exposição sobre o gênero teatral e mostra de peças de teatro; reportagens e documentário em vídeos; atividades em equipe; leitura, produção textual; aula de campo; oficinas de jogos teatrais. Por fim, a socialização da apresentação de um texto teatral produzido e encenado pelos alunos para a comunidade escolar. A participação dos alunos nas respostas aos questionários, bem como o registro de suas atuações através de fotos e vídeos foram autorizados por seus pais ou responsáveis como mostram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Anexo B) e o Termo de Autorização Para Uso de Imagens e Voz (Anexo C). Para realizar a intervenção tivemos a permissão da direção da escola que assinou o Termo de Autorização Institucional que consta no Anexo D.

As ações planejadas foram desenvolvidas em etapas, distribuídas em nome momentos, conforme detalhes a seguir:

Primeiro momento (02 aulas de 45 minutos cada): Aplicamos um questionário de sondagem (Apêndice A) para aferir o conhecimento do domínio da estrutura do texto teatral e do contato dos alunos e alunas com o mundo do teatro. Em seguida foi exibido o vídeo “Origem do Teatro Ocidental Grego” para que os alunos conhecessem a respeito da história do teatro, o significado das máscaras, o surgimento do primeiro ator, a relação do teatro com as questões da existência, da relação com o divino. Após a exibição, realizamos um diálogo acerca do conteúdo exibido no vídeo para que os alunos compreendessem que assim como o teatro originado na Grécia, Lourdes Ramalho aborda o ser humano em suas várias nuances. Segundo Luís Silvio Ramalho Júnior, no prefácio da edição de “Teatro popular”, Lourdes Ramalho retrata o homem em suas superstições, preconceitos, tabus, seus conflitos, suas angústias, esperanças, a fé, enfim o homem e sua história. (RAMALHO, 1980).

Segundo momento (02 aulas): Orientados pela sequência básica de Cosson (2014), seguimos os quatro passos indicados pelo autor:

1) Motivação (preparação do aluno para a leitura do texto literário). Além das atividades já realizadas no sentido de estimular o desejo de conhecer mais sobre o teatro, apresentamos o título da obra “Novas aventuras de João Grilo” como forma de despertar a curiosidade dos alunos acerca do conteúdo ali registrado. Fizemos algumas perguntas para motivar a participação, a exemplo: Já ouviram falar sobre o personagem título da história? Será que esse João Grilo tem algo semelhante a outro personagem que você já conhece? Qual será o assunto de que esse texto vai tratar?

2) Introdução (apresentação do autor e da obra); Na sequência, fizemos a leitura do texto, para isso solicitamos a participação da turma de modo que cada um ficasse livre para ler um trecho espontaneamente. Apesar da timidez, a partir de nossas motivações realizamos a leitura do texto.

Após uma pausa na leitura do texto, foi apresentada uma breve biografia da autora Lourdes Ramalho. Para melhor aprofundamento acerca da vida da escritora, exibimos o vídeo: “Entrevista de Saulo Queiroz com Dona Lourdes Ramalho”, realizada pela TV Itararé através do programa *Diversidade*, abordando atividades de cultura e arte. Dessa forma, foi possível mostrar mais detalhes da escritora paraibana e de sua contribuição para a cultura nordestina por meio de suas variadas obras como: *A Feira* (1976), *As Velhas* (1974), *Os Mal Amados* (1976), *A Eleição* (1977) entre outras.

Terceiro Momento (04 aulas): Leitura (acompanhamento da leitura por parte do aluno e do professor). Nessa etapa, em círculo, foi realizada a leitura do texto “Novas aventuras de João Grilo” (em Anexo). Momento em que foram observados aspectos como o riso, devido às passagens marcadas pelo lúdico; bem como favoreceu a percepção acerca das questões sociais presentes no texto como a corrupção, a poluição, a preservação da natureza, a solidariedade, dentre outras.

4) Interpretação (construção coletiva, por parte de alunos e professores, do sentido do texto). Um dos elementos chave de observação se deu sobre a personagem. Em função disso, estudamos aspectos referentes ao texto teatral: personagens, partes do texto (atos, quadros, cenas, rubricas), cenário dentre outros elementos do gênero. Para melhor compreender a constituição da personalidade, da

identidade do personagem central João Grilo, realizamos leituras do texto analisando a sua atuação e participação na trama, verificando pontos de conexão, ou seja, intertextualidade, com outras obras, a exemplo de o *Auto da compadecida* e o folheto de cordel *Palhaçadas de João Grilo* (Anexo E). Essa atividade possibilitou a ampliação da prática de leitura uma vez que instigou os alunos a tecer relações de sentido. Essa atividade auxiliou o aluno no entendimento de aspectos singulares do gênero textual estudado, fornecendo subsídios para a construção da personagem, bem como no entendimento e domínio da estrutura do texto, quando da produção do teatro, a ser encenado pelos alunos no final das atividades.

Quarto Momento: aula de campo: (6 aulas) Nesse momento, os alunos visitaram a “Mostra Sesc Curumim de Teatro Infantil”, no Sesc Centro Campina Grande, e assistiram ao espetáculo “Chapeuzinho Vermelho em Família”. Participaram ainda de oficinas de elaboração de brinquedos com papeis e matérias reciclados.

A ida ao teatro foi um momento de muita importância para os alunos, pois além de participarem de atividades lúdicas, envolvendo a arte, tiveram acesso à experiência de assistir a um espetáculo de forma profissional com a presença no elenco de crianças e adolescentes com idades semelhantes a dos próprios alunos. Esse contato com atividades extraclasse motivou nos alunos a percepção da arte dramática como um programa cultural. Isso colaborou para que mais alunos decidissem participar tanto das oficinas quanto da montagem e atuação no texto teatral que seria escrito e apresentado pela turma na escola.

Quinto momento: (08 aulas): oficinas de teatro compostas por dinâmicas de grupo, leitura expressiva (Imagem 1), atividades de expressão corporal e facial (Imagem 2), técnica vocal, interpretação (Imagem 3). O interesse estava em compreender aspectos específicos do gênero e melhorar a habilidade dos alunos quando da criação de um texto dramático e sua encenação.

Na sequência, estudamos aspectos referentes ao texto teatral: personagens, partes do texto (atos, quadros, cenas, rubricas), cenário dentre outros elementos do gênero.

Vejamos alguns registros feitos durante o processo de execução das atividades:



(Fonte: acervo do pesquisador)

Em círculo, foi realizada a oficina de leitura expressiva com o intuito de aperfeiçoar a qualidade da leitura dos alunos, no sentido observar desde a pontuação, a inflexão, as pausas, a ênfase, a melodia, o ritmo dentre vários recursos possíveis. Sempre que possível, o pesquisador passava orientações a respeito de aspectos importantes no teatro, exemplo da projeção de voz, também técnicas para decorar um texto e a forma como respiramos para a nossa voz sair mais firme e segura.

Imagem 2 - Atividades de expressão corporal e facial



(Fonte: acervo do pesquisador)

Na imagem acima, tem-se o registro dos alunos fazendo uso de técnicas básicas para o desenvolvimento da linguagem corporal e facial. Aspectos estes importantes para o teatro, pois a expressão corporal desempenha e amplia as possibilidades humanas, isso porque o corpo tem a capacidade de se manifestar, o que, na expressão corporal, se apresenta através do vivido corporal, da experiência do corpo seja em situações do cotidiano ou da arte, através da linguagem, das sensações, dos sentimentos e pensamentos externados.

Imagem 3 – Oficinas de Interpretação



(Fonte: acervo do pesquisador)

As oficinas de interpretação tinham por foco auxiliar os alunos na construção de uma melhor expressividade dos personagens para fins de encenação. Considerando que o texto visual traduz a obra escrita, a ênfase estava em conseguir aperfeiçoar a transmissão da verdade presente em suas falas, seus movimentos, seus olhares e por toda a linguagem manifestada por eles, personagens em cena.

Sexto momento: (08 aulas) Produção de texto e preparação para a encenação. Todos contribuíram da forma que foi possível (imagem 4). Alguns atuaram como personagens, outros por meio de comentários, questionamentos, interagindo nas atividades, pela apresentação de sugestões e a escolha da(s) temática(s) do interesse da turma.

Imagem 4 - Montagem da encenação



(Fonte: acervo do pesquisador)

Além do tema, foram elencados os tipos e quantidades de personagens e o que eles representariam; como seriam caracterizados no sentido físico e psicológico; indicação de figurinos e adereços (imagem 5).

Imagem 5 – Construção dos personagens



(Fonte: acervo do pesquisador)

Dentre as atividades, houve também a organização e preparação das cenas (imagem 6): o que elas retratariam, em que ambientes e locais se passariam; quantas cenas ou atos; em que local da escola e data seria apresentado. Enfim, qual a extensão do texto e do espetáculo de acordo com a quantidade de participantes e da estrutura possível da escola para sua apresentação.

Definidos os temas, o grupo se dedicou aos ensaios. A peça foi elaborada por meio de uma adaptação e ficou intitulada “João Grilo e seus amigos em defesa da vida” (Apêndice B), mantendo, do texto original, os personagens, os temas e foram acrescentados outros assuntos do cotidiano a exemplo do excesso do uso da

tecnologia, especialmente de celulares e o consumismo ou ostentação como os próprios alunos denominam.

Imagem 6 – Ensaio da cena sobre consumismo



(Fonte: acervo do pesquisador)

Sétimo momento (02 aulas): Culminância – apresentação da encenação para a comunidade escolar. A encenação (imagem 7) aconteceu no refeitório da escola, uma vez que esta não dispõe de auditório, sendo o local mais espaçoso para acomodação dos espectadores.

Imagem 7 – Alunos em momento de representação



(Fonte: acervo do pesquisador)

O espetáculo foi apresentado no mês de novembro para professores, alunos e demais convidados. Por ser “um dia de semana” (quarta-feira) em período de atividades de avaliações para algumas turmas, a apresentação foi feita com a presença de quatro turmas do ensino fundamental e contou com a presença de alguns professores.

A participação da plateia se deu de forma gratificante pela atenção e respeito ao espetáculo apresentado, bem como na interação nos momentos em que os personagens faziam questionamentos acerca dos temas abordados no texto.

Durante a exposição, foram projetadas, por meio de Datashow, cenas relacionadas aos temas abordados no espetáculo como poluição, corrupção, tolerância, entre outros. Tal recurso, associado ao figurino e atuação dos personagens colaborou, de forma positiva e impactante, na transmissão dos conteúdos apresentados e na dinamização do processo cênico. Por fim, o grupo se apresenta em agradecimento:

Imagem 8 - Elenco recitando o trecho final da peça



(Fonte: acervo do pesquisador)

Oitavo momento - Aula de campo – Quando da elaboração de nossas ações, planejamos visitar a casa da escritora e dramaturga Lourdes Ramalho para diálogo com a mesma sobre sua vida e obra. Em seguida, visita ao Teatro Municipal de Campina Grande para conhecer sobre a estrutura da histórica da casa de espetáculos mais tradicional e antiga cidade. A visita estava programada para ser realizada durante a preparação da encenação, no entanto, analisando o melhor proveito para a ocasião, consideramos mais apropriado preparar os alunos para então ao final do processo realizar a leitura do texto da forma mais expressiva possível como forma de agradecimento e homenagem à autora.

No entanto, como todo projeto é flexível e passível de mudanças e de falhas, a visita à casa da escritora não foi possível, pois sua assessoria nos informou que, devido a sua idade avançada e por questões de saúde, precisava manter-se em repouso.

Já que não foi possível esse contato de forma presencial com escritora, a aula de campo se deu com a visita a uma exposição sobre Dona Lourdes, em cartaz no Museu de Arte Popular da Paraíba conhecido como “Museu dos Três Pandeiros”. A exposição representou uma oportunidade extremamente importante para a ampliação dos conhecimentos dos alunos sobre a sua vida e obra. Lá os alunos puderam ter contato com escritos originais, utensílios, vídeos, fotos, entre outros objetos que pertencem ao acervo da homenageada. Ainda no mesmo museu, foi possível ter contato com instrumentos que contam a história da literatura e da produção de cordéis e elementos da cultura nordestina, por meio de utensílios e artigos produzidos por artesãos de cidades da Paraíba e do Nordeste. Esse contato dos alunos com esses eventos tendem a favorecer a preservação e a manutenção da cultura e da história da memória da cultura local.

Nono momento: Avaliação

A atividade final se efetivou com a avaliação para fins de conhecer os resultados. Para tanto, usamos de um questionário avaliativo (Apêndice C), através do qual os alunos puderam se expressar acerca do processo realizado. Apontando os pontos positivos, negativos, fazendo comentários, sugerindo formas de aperfeiçoamento e falando das possíveis contribuições a respeito da vivência, da experiência de leitura, produção e encenação do texto teatral.

4- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O questionário de sondagem teve por interesse conhecer melhor os alunos integrantes da pesquisa e sua relação e entendimento sobre o gênero dramático, o teatro.

4.1 - Do questionário de diagnóstico

Como instrumento de pesquisa, realizamos um questionário (Apêndice) composto de 05 perguntas, divididas em questões objetivas e subjetivas, abertas para justificativas. Isso nos possibilitou analisá-las em aspectos qualitativos e quantitativos. No que diz respeito aos trechos ou respostas completas apresentadas pelos alunos, os conteúdos foram transcritos em sua forma original; Os nomes dos alunos e alunas serão preservados e referenciados por meio da expressão “Aluno” e seguida de uma letra do alfabeto – Aluno A, Aluno B. uma vez que o número de entrevistados vai além da quantidade de letras do alfabeto, algumas letras tiveram de ser repetidas e acompanhadas de números: Aluno A1, Aluno B1. A apresentação das respostas não seguirá, obrigatoriamente, a ordem alfabética, mas a relevância do conteúdo que será analisado; em alguns casos iremos citar respostas num mesmo bloco por estarem relacionados em algum aspecto em que as mesmas apresentem, por similaridade, os conteúdos.

Dados sobre a questão ***O que você entende por teatro?***

A noção ou concepção apresentada sobre teatro foi mostrada em algumas respostas com associação a diversas situações em sentido amplo, abstrato ou referencial:

Aluna G: Teatro é uma terapia para a alma;

Aluna Y: Que tem que dar o seu melhor;

Aluna S: Eles que fazem teatro têm uma ótima condição de leitor; É como uma novela, mas é ao vivo.

Outras indicações apresentadas sobre o teatro estavam mais relacionadas com as funções ou conceitos específicos deste como espaço ou evento para encenação, representação e peça teatral. Como mostram alguns trechos:

Aluno R: Lugar muito bom que tem apresentações e peças;

Aluno C: Palco onde acontece apresentações e peças;

Aluna B1: Uma história ou música acompanhada por uma encenação que tem intenção de transmitir informação.

Observando as respostas, constatou-se uma relação de sentido entre o significado dado em livros e dicionários como: a arte de representar, edifícios onde se apresentam peças dramáticas e ainda todo e qualquer espetáculo com intenção estética direcionada para um público (BERTHOLD, 2001); e as concepções apresentadas pelos alunos: “interpretar, encenação, peça, apresentação” entre outras definições.

Do Aluno A, destacamos a seguinte compreensão:

Entendo, que é um tipo de manifestação artística que tem como objetivo encenar, renascer, resgatar tudo aquilo que está de acordo com a obra apresentada; a realidade que conhecemos vira história.

Verifica-se uma resposta de quem é, notadamente, um leitor. O aluno, autor da resposta, sempre estava às voltas com livros sobre os quais fazia comentários, e também sempre perguntando, tanto para o pesquisador quanto para a professora presente na turma, a respeito de assuntos que os livros mesmos abordavam. A sua forma de expressão tanto oral quanto escrita mostrava certa habilidade com prática de leitura. Durante as atividades, apontava para a preocupação com o tom de voz dos personagens e a boa eloquência com que deveria ser feita a leitura e interpretação do texto teatral. Ele também foi um dos primeiros alunos a manifestar interesse pela leitura do texto base “As aventuras de João Grilo” e sempre participava das atividades de forma atuante com comentários e perguntas.

O Aluno N concebe o teatro como

Lugar em que você pode possibilitar seus pensamentos de sentir e agir.

Nesse sentido, a percepção do teatro se estende para o entendimento da interpretação como exercício de pensamentos. É pela atividade do raciocínio, da imaginação que se desenvolvem as capacidades intelectuais dos atores, leitores envolvidos no processo da produção artística. Outras respostas se voltam para o conhecimento:

Aluna G: Onde... A pessoa adquire mais conhecimento”;

Aluno R: lugar muito bom;

Aluno X: no teatro as pessoas assistem e aprendem mais e mais conhecimento.

Essas concepções apontam que o teatro é um espaço para a obtenção de conhecimento. De fato, assumimos, nesta pesquisa voltada para a leitura do texto literário, a premência de se problematizar, no que se refere ao estudo do texto e a prática teatral, a presença de primazias entre afeto e cognição. Isso porque a construção de relações com as materialidades físicas e/ou simbólicas que cercam o espaço da cena, como meio de se estabelecer alguma relação estética específica com o mundo, envolvendo a improvisação, possibilita o leitor/ator vivenciar aquilo que parece ser da natureza da existência do homem no mundo: a relação de interdependência entre afeto e cognição.

Além disso, o teatro é um lugar bonito, em que a beleza se manifesta pela arte, não a beleza da futilidade, da aparência física, mas a essência desvelada pelos diálogos dos personagens que refletem em seus corpos uma verdade interior.

Quanto ao saber a respeito da experiência e o contato dos alunos com o teatro, os alunos responderam a seguinte questão: ***Já assistiu à encenação de uma peça de teatro?***

Do total de 28 alunos, 24 foram entrevistados. 16 responderam sim e 08 disseram que nunca assistiram à uma peça de teatro. Os dados confirmam uma

realidade de pouco consumo desse bem cultural, aspecto comum a muitos contextos de nosso país. É provável que os alunos tenham assistido a uma encenação teatral na escola, mas não tenham conhecimento sobre peças de teatro de cunho profissional.

Relacionada à segunda pergunta, solicitamos aos alunos que relatassem como ocorreu esse contato com a encenação de um espetáculo de teatro: **Descreva como aconteceu (Ex. quando, onde, o tema, o gênero: drama, comédia, etc).** 03 alunos não responderam. 01 dos 16 respondeu sim e 02 dos 08 disseram que nunca assistiram à encenação de uma peça de teatro. Dentre as respostas citadas, algumas apresentaram dados curiosos, incomuns quanto ao acesso a que os alunos tiveram para assistir algum evento de teatro:

Aluno L: Eu me lembro quando e tinha 7 anos assisti uma peça que se chama “Quintal do inimigo”, assisti pela televisão;

Aluno J: Sim, Aconteceu na internet no site Youtube o tema era escravidão, o gênero era dramático;

Aluno Z: Não assisti, mas já vi uma encenação e já olhei algo parecido com uma peça, no livro e no Youtube, não lembro o gênero;

Aluna U: Nunca fui ao teatro mas já olhei pela televisão e fiz uma encenação em sala de aula

Aluna X: Não eu nunca fui, no cenário de um teatro. Pela internet.

O suporte através do qual os alunos assistiram ao espetáculo, ambiente virtual - internet (Youtube), pode revelar um fator positivo no sentido de que representa outras possibilidades de acesso a leituras através das mídias sociais. Sobre o gênero do espetáculo a que assistiram, a “comédia” foi o mais citado. Em relação ao conteúdo das respostas, o fator que mais nos chama a atenção é que a escola é citada várias vezes, como indicam alguns dos trechos apresentados pelos alunos:

Aluna D: Foi na sala de aula, na aula de História, era meio que uma Dramatização do cotidiano, era sobre a resistência dos escravos etc;

Aluna A1: Foi na escola e foi de comédia;

Aluna G: Foi com a escola em 2016, falava de Pluft o fantasma...

Aluna C: Nunca fui assistir no teatro, mais já vi na TV, já fiz uma encenação na sala de aula.

As expressões “Foi na sala de aula”, “Foi *com a escola*”, “Foi *na escola*”, “Fiz *na escola*”, “*na sala de aula*” revelam o espaço escolar como o maior promotor de acesso ao bem cultural, nesse caso voltado para apresentação teatral. Nesse sentido, de acordo com Kramer (1998), a escola cumpre seu papel social quando se compromete com a cidadania e com a democracia e precisa ter na formação cultural um de seus elementos básicos.

Quanto à questão que buscava verificar a respeito do contato com o texto teatral por meio da leitura (**Já leu alguma peça de teatro?**), dos 24 entrevistados, 13 responderam sim e 11 disseram que não. Ainda a respeito dessa questão, foi perguntado **como se deu esse contato (como teve acesso ao texto? Qual o assunto?)**

Alunos que responderam positivamente à pergunta indicaram:

Aluno N: Foi de um texto sobre “Emergência” e eu tive acesso pelo livro. Falava de pessoas de primeira viagem em avião e ele tinha muito medo;

Aluno W: Foi aqui na escola, lemos junto com a professora (não informou assunto ou conteúdo).

A referência dada pelos alunos é do texto “Emergência”, crônica de Luís Fernando Veríssimo que se encontra no livro didático⁵. Essa experiência com esse texto se deu em sala de aula quando o texto foi lido e adaptado em uma peça teatral pelos alunos para uma apresentação em sala; dentre as possibilidades de apresentação estavam desenho, teatro, história em quadrinhos e outras

⁵ VERISSIMO, Luis Fernando. *Emergência*. In: **Mais comédias para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. P. 75-77. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. BERTIN, Terezinha Costa H. BORGATTO, Ana Maria Trinconi. Projeto Teláris – Português. Editora Ática. 2ª Ed. São Paulo, 2015.

possibilidades que os alunos desejassem utilizar. Tem-se um exemplo do ambiente escolar e a devida orientação do professor como um fator relevante para a formação do hábito de leitura.

Referência a outros textos também foram citados com temas míticos e históricos:

Aluna G: Falava sobre Rapunzel... ;

Aluno J: Violência verbal sobre criança, idosos, deficientes... ;

Aluno V: Sobre os quilombos dos palmares, foi uma reação muito triste porque eles foram escravizados.

A diversidade também se apresenta no que se refere ao suporte através do qual os alunos tiveram acesso ao texto lido: escola, internet, televisão, HQs, livros. Essa diversificação deve ser considerada como aspecto positivo e deve ser explorada em sala de aula como partilha num processo de experiências de leituras. A ideia é que os alunos possam relatar a respeito desses conhecimentos adquiridos e possam ouvir e comentar a respeito com seus colegas, pois o sentido da leitura é exatamente a construção de ideias e a reflexão a respeito das experiências de leituras.

Outra pergunta de interesse da pesquisa era saber se os alunos tinham conhecimentos de especificidades do texto teatral (**Quais os elementos estão presentes em um texto de teatro?**). Apenas 01 aluno não respondeu à questão, os demais responderam com indicações variadas. Vejamos os elementos citados e o número de ocorrência:

Elementos presentes em um texto de teatro	Número de vezes citadas
Texto	1
Atores	1
Paisagens	1
Encenação	1
Leitor	1
Modo	1
Concentração	1
Atenção	1

Emoção	1
Interação	1
Preparação	1
Roupas (figurinos)	1
Objetos (adereços)	1
Produção	1
Letras	1
Poemas	1
Histórias divertidas	1
Produção	1
Meio (desenvolvimento)	1
Leitura	2
Enredo	2
Falas dos personagens	2
Animação	2
Interpretação	2
Final	2
Organização	2
Narrador	3
Tempo,	5
Desfecho	5
Clímax	5
Lugar/espço	6
Situação inicial/ introdução	6
Dramaticidade/drama	7
Personagens	7

Quanto às respostas atribuídas aos alunos, podemos constatar que alguns dos elementos presentes não correspondem ao texto teatral, mas ao gênero narrativo. Tais elementos foram trabalhados durante a abordagem da crônica que citamos anteriormente. Por ser o gênero trabalhado mais recentemente e de forma mais diversificada, é provável que os alunos tenham fixado a lembrança em sua estrutura e a confundido com a do gênero dramático.

No intuito de esclarecer a estrutura dos gêneros textuais citados acima fizemos uma explanação oral recorrendo ao conteúdo dos dois textos: a crônica “Emergência” e “Novas Aventuras de João Grilo” para que os alunos pudessem melhor compreender a qual texto cada elemento pertencia.

Ao responder à referida questão, o aluno A aponta que dentre os elementos de um texto teatral encontra-se

Aluno A: Capacitação, uma história que tenha um bom contexto para animar ou impressionar o público, atores que se entregue ao personagem, um texto que tenha começo, meio e fim.

Essa síntese dada pelo aluno remete ao fato de que a “capacitação” é necessária para que haja preparação, leitura, estudo, entendimento acerca da estrutura do texto teatral, considerando suas peculiaridades como falas, rubricas, marcações e informações a respeito dos personagens, dentre outras. Quanto à indicação de “um bom contexto para animar ou impressionar o público”, remete à importância do referencial temático enquanto um elemento crucial dentro de um texto a ser lido ou assistido, pois quando se abordam questões do cotidiano e de preferência que fazem parte da vivência, do cotidiano, o envolvimento, a recepção tende a ser realizada numa sintonia mais consistente. Uma vez havendo uma identificação com o que está sendo abordado, poderá trazer resultados mais significativos no sentido de possibilitar reflexão e, por meio dessa atividade, extrair condições para o entendimento da realidade inserida, podendo transformá-la positivamente enquanto atores sociais.

Diante dessa possibilidade de atuação e transformação, observando especificamente a relação texto e leitor, os alunos responderam a seguinte questão: **Você acredita que o contato com o teatro pode colaborar para sua formação de leitor? Explique.** Dos 24 entrevistados, apenas 01 respondeu de forma negativa à pergunta. A negativa foi dada pelo Aluno R que já havia respondido não ter lido nenhuma peça de teatro. Um dado curioso que chamou a atenção é o fato do aluno ter assinalado o sim, escrever uma justificativa e posteriormente usar do corretivo para apagar essas informações. Considerando que “[...] o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não

conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 59), foi respeitada a liberdade de expressão do aluno, não havendo questionamento a respeito da ação dele, acerca da questão.

Consideramos que as divergências favorecem aos questionamentos, às reflexões e é na divergência que a construção das ideias é formulada. Assim, esse dado foi de extrema importância para que pudéssemos entender de que forma o projeto de intervenção, por meio das atividades a serem desenvolvidas, poderiam contribuir para a confirmação ou mudança de opinião deste aluno.

Com relação às respostas que afirmaram positivamente a respeito da possibilidade do teatro colaborar na formação do leitor, seguem alguns dados:

Duas respostas trazem em seu conteúdo a atenção quanto à qualidade da expressividade oral:

Aluno B1: No teatro você decora as falas que terá que falar, e também não poderá falar errado. Na leitura você deve saber se expressar bem no momento de falar e o teatro é exatamente isso;

Aluna G: Sim, porque influencia a muitas pessoas interessada a ler e lendo muito sua fala no seu cotidiano vai melhorar.

A expressão “falar errado” é um fato comum dentro do vocabulário cotidiano que classifica os desvios das normas padrão. O aluno B1 relata uma preocupação em fazer uso da língua de forma adequada e, por outro lado, diz ser preciso não falhar com o que o texto dita. O próprio aluno reforça que é preciso: “...saber se expressar bem no momento de falar e o teatro é exatamente isso”. Esse exercício com a leitura enquanto forma de aprendizagem é apontado pelo registro da aluna G, para quem “[...] influencia a muitas pessoas interessada a ler e lendo muito sua fala no seu cotidiano vai melhorar”. Assim, a leitura é pautada como um instrumento facilitador da aprendizagem por ser muito importante dentro do processo de formação do indivíduo.

Em função de ampliar a competência leitora dos alunos, durante as oficinas, foram realizadas várias atividades de técnicas vocais e experiências de falas com termos regionais, expressões típicas da realidade dos alunos, com foco pela boa elocução, o uso das pontuações, entonações, sempre baseadas na intenção da fala e na melhor expressividade para que a comunicação fosse executada da forma mais eficiente possível.

O PCN (BRASIL, 1998) determinam que é da escola a tarefa de expandir os procedimentos básicos de leitura e explorar o que se refere ao texto literário, observando os elementos constitutivos da obra e sua relação com o contexto de sua criação. O trabalho com o texto teatral serviu de instrumento para se compreender a existência de modos diversos de se comunicar, variação linguística, evidenciando-se, assim, a necessidade da quebra de preconceitos, respeitando o contexto em que a comunicação é executada.

Quanto às possibilidades de aprendizagem na relação leitor/texto, vejamos o que e que observaram os alunos D e F:

Aluno D: O teatro não é só o lugar onde vemos peças, podemos ser atores, desenvolver mais nossa leitura;

A aluna F: Porque é uma forma de pensar e escrever e usar a imaginação.

O exercício com o gênero dramático a partir da leitura e do entendimento do texto convoca os leitores a exercerem o papel de protagonistas, tal qual apontado pelos alunos, considerando que “não é lugar” somente para ver, mas fazer leituras e ser ator. Não apenas ouvir, mas se fazer ouvir, conforme observa a aluna: “uma forma de pensar e escrever e usar a imaginação”. Os aspectos são inerentes às capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção, as quais são próprias do ser humano, mas necessitam ser estimuladas e desenvolvidas.

O hábito da leitura pode ser incentivado de diversas formas, mas é preciso que desperte o interesse do leitor. Pode ser com base num tema provocador como diz o aluno J:

Sim, porque o texto teatral dependendo do assunto abordado pode lhe interessar de ler o texto e acaba melhorando sua leitura.

Ou ainda pode ser estimulado com base na realidade, segundo afirma o aluno O:

[...] o teatro pode ajudar a desenvolver seu estímulo com o contato com o mundo, com a leitura com a sociedade etc.

Desse modo, inscreve-se a importância de se trabalhar com temas sempre voltados para a realidade, mais especificamente, com aquilo que é do interesse dos alunos. Por isso, nossa sugestão foi desenvolver as atividades e o texto final da intervenção, considerando temas e situações que fossem apontadas pelos próprios alunos durante a realização do processo.

Com apoio das informações colhidas nessa etapa, foi possível planejar as atividades de forma a favorecer condições para que os alunos pudessem ter acesso a conhecimentos acerca de teorias e práticas relativas ao universo do texto dramático por meio de um processo dinâmico, lúdico e participativo.

4.2 – Sobre a aplicação da sequência básica

Como descrevemos na metodologia, as atividades foram guiadas através da sequência básica de Cosson (2014); a intervenção também foi desenvolvida através de momentos que compreenderam dinâmicas, oficinas de teatro com técnicas de expressão corporal, vocal, interpretação, e culminou com a encenação (leitura dramática).

Motivação: a partir do título do texto base “As Novas Aventuras de João Grilo”, os alunos foram questionados no sentido de provocar neles alguma lembrança de texto, filme ou personagem semelhante. Dentre as indicações, surgiram referências à obra “O Auto da Compadecida”, com citações tipo: “Não sei professor, Só sei que foi assim”; “Eita, é a história da cachorra que morre e o padre não quer enterrar, depois enterra”. Os episódios lembrados provocavam risos na turma, criando clima de descontração. Seguimos provocando a participação da turma, perguntando se imaginavam a respeito do que iria tratar o texto a ser lido. Dentre as colocações, registram-se: “Acho que é alguma história engraçada”; “Deve ser a continuação porque está dizendo ‘Novas aventuras’, ou então histórias novas, eu acho”; “Deve ser uma comédia”. Essas colocações dos alunos, prontamente registradas em nosso caderno de anotações da pesquisa, mostrou que alguns deles

já tinham visto a obra de Ariano Suassuna, favorecendo a leitura intertextual quanto ao nome da personagem. Uma vez chamando a atenção para o fato de ser outro texto, a atividade acabou por instigar a turma a querer saber se, além do nome, a personagem do texto em questão tinha outras semelhanças.

Introdução: Na sequência das atividades de leitura do texto teatral, a forma utilizada foi leitura partilhada, sem ordem estabelecida, cuja participação acontecia de acordo com a motivação de cada aluno. A opção pela leitura partilhada se deveu ao fato de chamar a atenção dos demais participantes, possibilitando favorecer a fluência leitora e a compreensão dos textos.

A leitura compartilhada ou colaborativa - aquela em que alunos e professor leem junto um mesmo texto e apresentam suas ideias e impressões acerca do que foi lido - tem como finalidade, segundo Kátia Bräkling (2004), ensinar a ler, ou seja, criar condições para que as estratégias de atribuição de sentido sejam explicitadas pelos diferentes leitores, possibilitando, dessa forma, que uns se apropriem de estratégias utilizadas por outros, ampliando e aprofundando sua proficiência leitora pessoal. Essa estratégia pode muito contribuir para a leitura dramática - também chamada de teatro lido - é a leitura em voz alta de uma obra teatral e exige interpretação por meio de expressões faciais, gestos e entonação.

Quanto à experiência de leitura em sala, de início, houve bastante timidez de alguns alunos, o que causou certa resistência em participar de forma espontânea, porém, com o incentivo, a leitura foi feita por todos. Com essa atividade, foi possível observar alguns atropelos quanto à pontuação, a indicação de palavras desconhecidas e, especialmente, a pouca desenvoltura quanto à melodia e ao ritmo já que se tratava de um texto em estilo de cordel com muitas rimas, aspectos esses reforçados durante a intervenção. Realizada essa primeira etapa de leitura do texto, os alunos foram orientados a continuar a leitura do texto em casa, escolhendo um personagem para leitura em sala na aula seguinte.

Seguindo o roteiro, foi apresentada a autora Lourdes Ramalho de forma expositiva, com auxílio de slides e através do vídeo com a entrevista concedida ao programa "Diversidade" sobre sua vida e obra. Após a recepção atenta de todos, partimos para discussões sobre a postura crítica e reivindicatória apresentada pela autora Lourdes Ramalho. Perguntados sobre o que achavam dessa postura da autora, o clima de risos e silêncio imperou na sala. Apenas uma aluna afirmou que

“A autora estava certa, pois quando uma coisa tiver errada a gente deve botar a boca no mundo”. A percepção da aluna, acordada por outros alunos, é de quem enxerga no texto um potencial ideológico.

Leitura: O prosseguimento do terceiro momento da sequência básica se efetivou com a leitura do texto em círculo na sala. Nesse momento, uma vez já conhecedores da temática do texto, convidamos os alunos para que lessem a personagem que foram orientados a escolher. As personagens da peça são: Vozes, Gênio, Água, João Grilo, Gnomo, Poluição, Corrupção, Inflação. Como a quantidade de alunos a fazer a leitura era superior ao número de personagens, então, para que todos pudessem participar, decidimos realizar leituras variadas dividindo as falas de modo que cada um pudesse fazer uma parte.

A partir da leitura e observações, íamos orientando para o aperfeiçoamento da leitura o mais expressiva possível, considerando o tom da voz, a pontuação, a fluência exigida para a leitura de um texto em cordel a observar o ritmo e melodia bem como às sonoridades das rimas, com destaque para a entoação adequada. Diante dessa dificuldade apresentada pelos alunos, verifica-se a necessidade da escola insistir em práticas de leituras para fins de conhecimento da estrutura e das necessidades específicas inerentes às exigências de cada gênero textual.

O exercício das leituras “repetitivas” provocou certa estranheza para alguns alunos que diziam “acreditar ser a leitura algo mais fácil”. Enquanto outros afirmaram “ser algo cansativo, mas era melhor assim, pois não iriam passar vergonha quando fossem ler em público”. Entendemos que trabalhar a fluência leitora na escola é o desafio proposto para ampliar a experiência dos alunos com os textos e colaborar na compreensão do que se lê, ajudando-os a interpretar e a argumentar a favor de seu ponto de vista.

No encontro seguinte, deu-se o quarto e último momento da sequência básica, **a interpretação**. Os alunos tiveram a liberdade de fazer suas inferências, suas análises de forma individual e posteriormente socializamos, de forma coletiva. As conversas sobre as leituras, em que os alunos puderam socializar suas interpretações e estabelecer relações com outras leituras foi realizada de modo a favorecer o aprofundamento do sentido do texto.

Nesse sentido, solicitamos que cada um lesse o texto e, em caso de interesse, fizessem anotações no próprio texto ou no caderno a respeito de suas

impressões de entendimento sobre o texto. Os alunos apontaram para o fato da natureza realmente está sendo destruída como retratado no texto:

“VOZES - Socorro! – Quem viver venha correndo!
 Alma da Mata está morrendo!
 GÊNIO - Quem vem lá, quem nos socorre? [...]
 GÊNIO - Acode depressa, acode! – Nossa mãe está morrendo!
 A Natureza falece – tudo, tudo está sofrendo!” (p. 07)

Seja “Devido ao desmatamento, à poluição dos rios, do ar... Ah, por várias coisas”. Quanto a identificar quem seria o responsável, a indicação recai sobre “Todo mundo, né”?, revelando a percepção de uma responsabilidade coletiva para com a preservação do meio ambiente. Do ponto de vista do ensino e aprendizagem, os princípios pedagógicos do teatro estabelecem relações claras com a educação, na medida em que “busca respostas para os questionamentos sobre o que é o mundo, o homem, a relação do homem com o mundo e com outros homens” (CAVASSIN, 2008, p.42).

Outros temas polêmicos também são representados no texto, sendo observados pelos alunos a exemplo da corrupção e a poluição, igualmente reconhecidos como problemas que se tem no dia-a-dia, os quais merecem atenção, pois interferem na vida de todos. Vejamos um trecho:

MONSTRO (POLUIÇÃO): Natureza? Seres vivos? Tudo vai apodrecer; [...] Enveneno vocês todos - e deixo mortos no chão! [...]
 GNOMO - O dragão da hipocrisia, rei de toda ambição!
 GÊNIO - Filho de toda maldade, seu nome é Corrupção!
 ÁGUA - Numa mão traz crueldade – miséria, na outra mão!
 GÊNIO - Este bicho é resistente e quer nos ludibriar! (p. 10)

Um elemento desconhecido do texto foi apontado durante essa aula, porém ninguém se habilitou a dizer o que seria o Santo Graal. Explicado a respeito do cálice que Jesus usou na santa ceia com os discípulos, percebemos que a turma precisaria de um incentivo para manifestar as partes não compreendidas do texto e, assim, participar mais das discussões em função da compreensão textual. O termo “aguerrido” foi apontado, e prontamente outra aluna colocou que “deve ser coisa de guerra”, uma compreensão coerente com a trama textual considerando que as personagens se apresentavam dispostas a ir à luta, “à guerra”.

GNOMO - Nós três vamos, reunidos, já que é preciso ir buscar!
 Corajosos e aguerridos haveremos de lutar! [...]
 TODOS - Vamos, vamos, companheiros, à frente, sem marcha ré! /
 Braço pronto para a luta, força na ponta do pé! (p.08.)

Desse modo, podemos constatar que o texto representa uma literatura de reivindicação, um convite ao ativismo, para que os leitores assumam o papel de atores sociais diante das situações, das questões e problemáticas da realidade da qual fazem parte.

Dando sequência ao estudo interpretativo do texto, indagamos sobre qual mensagem ou que informações, conhecimentos o texto teria trazido para a turma. Foi observado o fato das personagens quererem ajudar a natureza que está sofrendo, sendo destruída, e precisa ser salva. A respeito das personagens, observaram que: “João Grilo é engraçado. E ele é medroso, depois enfrenta os monstros...” O trecho citado do texto é lido como exemplo:

JOÃO - Sou fraco, covarde, tolo, comilão, mole e medroso! (p.09) [...]
 - Pois eu só toco viola – de espingarda e facão nada entendo – e tenho medo de morte e assombração!... (p.09) [...] Boto-lhe as tripas de fora – rasgo-lhe o coração! (p. 10) .

Ainda sobre as características da personagem João Grilo, foi observado que:

Aluno A: Esse João Grilo não parece muito com o do filme, porque o do filme é mais esperto, corajoso, enrolava o pessoal, tinha muita conversa.

Aluna G: Acho que são parecidos, por que os dois são engraçados.

A relação de analogia é estabelecida em termos de confirmação com a personagem da obra *O Auto da Compadecida*. As expressões “não parece muito” e “são parecidos” acabam por reafirmar aspectos de ser esperto e engraçado como atributos das personagens protagonistas das obras, contudo o João Grilo da História de Lourdes Ramalho se mostrava menos “encapetado” e “mais medroso”, segundo percepção apontada pelos alunos.

Quanto a terem lido o livro *Auto da compadecida* e o folheto de cordel *Palhaçadas de João Grilo*, os alunos responderam que já tinham lido um trecho do livro e já haviam assistido uma encenação da parte do julgamento na escola,

apresentada por outra turma como atividade da aula de Português. Quanto ao cordel ainda não tinham conhecimento. Então, o texto do cordel *Palhaçadas de João Grilo* foi exposto através do Datashow para uma leitura em sala.

De acordo com Eduardo Miranda no Blog *Kairu*⁶, João Grilo é um personagem Presepeiro, astucioso e cínico. João Ferreira de Lima acrescenta “com natureza do cão! Nasceu numa noite de eclipse em que aparece lobisomem”. Apronta com todos que encontra, ensina caminho errado quase que o vaqueiro se afoga, dá água com rato morto e coloca lagartixa dentro da batina do padre, ainda coloca cigarro na orelha da égua do português. Com um personagem tão peralta dessa natureza, não era de se espantar que a cada nova peripécia, os alunos davam muitas risadas. E até manifestavam-se por expressões do tipo: “Aff, coitado do animal”; “Que moleque miserável”.

Diante do que fora observado nessa etapa, é relevante destacar que trabalhar fluência leitora na escola é o desafio proposto para ampliar a experiência dos alunos com os textos e colaborar na compreensão do que se lê, ajudando-os a interpretar e a argumentar a favor de seu ponto de vista.

4.3 Sobre as oficinas de teatro

Dentro do espaço da sala de aula, é importante que o teatro seja explorado pelo educador e com objetivo primeiro de desenvolver as capacidades de expressão como relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção, as quais são próprias do ser humano, contudo necessitam ser estimuladas e desenvolvidas; e a proposta da oficina de teatro veio ocupar essa função. Sendo assim, o ensaio é que deve ocupar lugar de destaque nessa atividade, uma vez que é necessário ensaiar várias vezes para que a apresentação atinja seu propósito. A intenção é garantir fluidez na leitura e não avaliar a capacidade do aluno de decorar com facilidade.

Iniciamos as oficinas por meio de dinâmicas que envolviam contato e interação entre os alunos; a primeira atividade foi em dupla que deveriam

⁶ . MIRANDA, Eduardo. **Palhaçadas de João Grilo**. Disponível em: <http://blogkairu.blogspot.com.br/2015/11/palhacadas-de-joao-grilo.html>. Acesso em: Abril de 2017.

representar um carro e um motorista. O carro deveria estar de olhos fechados e isso exigiria dos participantes mais atenção, concentração e confiança de um para com o outro. As regras eram: não abrir os olhos (o carro), não colidir, não exceder a velocidade e carretavam notificações quem atingisse três multas “teria a carteira suspensa” e deveria sair da brincadeira. A segunda fase consiste em trocar a posição de modo que cada um pudesse experimentar a posição em que estava o colega no momento anterior. Após essa atividade, houve a participação de todos os alunos que estavam presentes, embora no início alguns demonstrassem resistência para participar pela timidez e talvez por desinteresse. Em função disso, concluída essa etapa, em um círculo e através de diálogos, os alunos externaram suas impressões sobre a dinâmica. A respeito das sensações apontaram: “medo”, “susto”, “que foi engraçado”, “concentração”, “foi legal”, “senti tontura”.

Sobre o motivo do medo, responderam que “sentiram medo de machucar a si e aos outros por estarem de olhos fechados. E o que era mais difícil, na verdade, impossível dirigir assim”. O porquê do engraçado foi associado à emoção: “Por que de olho fechado tem mais emoção”. Perguntamos ainda o que essa dinâmica poderia contribuir na relação com os colegas, na vida deles fora da escola. Respostas: “ajuda a gente ver como no trânsito mesmo”. “Por que quando a gente tá na rua, dirigindo deve ter mais atenção. Isso porque o trânsito não é feito apenas por quem dirige, que todo mundo deve ser cuidadoso para atravessar as ruas”. A percepção indicada, em função da dinâmica, ajudou a reforçar a compreensão de que todos nós fazemos parte do trânsito e que devemos ter atenção e respeito às regras seja como motoristas ou pedestres.

O passo seguinte se deu com outra dinâmica denominada de “João Bobo”. Nessa atividade, formaram-se grupos de alunos entre quatro e cinco e um ficava ao centro em pé de olhos fechados e ia caindo em posição reta para os lados, de forma revezada que pudesse cair na direção de todos os colegas e que os sustentassem e o recolocassem no centro. A dinâmica tinha dentre outros objetivos o fortalecimento da confiança, da segurança em si e na equipe. Não sentimos necessidade de dialogar além do necessário com os alunos a respeito da dinâmica. Constatamos que por meio das reações e das falas dos alunos, todos se sentiam muito à vontade e puderam desfrutar de um momento lúdico com os colegas.

As demais oficinas envolveram leitura expressiva, atividades de expressão corporal e facial, técnica vocal, interpretação e foram realizadas de forma que os

alunos pudessem experienciar a vivência de variadas situações, sensações e personagens. As atividades compreenderam exercícios de expressão corporal e facial, técnica vocal e interpretação para que os alunos pudessem reproduzir, através de seus corpos, suas vozes e suas faces as sensações, emoções que estavam vivenciando. Todas as atividades eram realizadas, inicialmente, em equipe e, posteriormente, de forma individual, para que os alunos pudessem sentir-se mais seguros e mais desinibidos. Então, cada grupo decidia qual cena ou fato da vida real eles gostariam de representar, quanto aos que tinham dificuldades em escolher o tema nós orientamos. Os assuntos tratavam sobre solidariedade, violência contra a mulher, uso de drogas, violência urbana (assaltos, roubos), amizade dentre outros. Quanto à participação dos alunos, uns mais desinibidos, mais expressivos e outros mais recatados, tímidos, todos os presentes participavam cada um a seu modo e possibilidade.

Após as oficinas, deu-se o processo de produção e apresentação do texto final. Esse texto foi escrito a partir do texto base “Novas aventuras de João Grilo”. O processo envolveu leituras e a análise dos conteúdos, temas e personagens presentes no texto original. A partir daí, foi construído texto denominado “João Grilo e seus amigos em defesa da vida”, mantendo a ideia central de defesa da natureza e a luta contra a poluição. Quanto aos personagens foram mantidos todos com exceção do Gnomo que foi substituído pelo Índio que teria maior representatividade histórica de reconhecimento de nossos ancestrais e da possibilidade de denúncia quanto às agressões e extinção dos povos indígenas. Também foi substituída a personagem de nome Inflação pelo Consumismo, de forma a ser um elemento mais abrangente para a representação da realidade atual conforme apontado pelos próprios alunos quanto à ostentação ser algo muito presente no comportamento das pessoas, especialmente, de alguns colegas deles que se expressam através das redes sociais. A escolha do tema assim como dos personagens já demonstra certo amadurecimento desse aluno leitor quanto à necessidade de produzir um texto sob determinado ponto de vista.

A encenação foi apresentada em forma de leitura dramática e os alunos tiveram a liberdade de estarem em cena com o texto em mãos. Mesmo assim, observou-se uma preocupação deles em ensaiar o texto em casa e até mesmo pela escola, em horas vagas, para que pudessem recorrer o mínimo possível ao texto na hora da apresentação. E isso foi explicado à plateia, para que tivessem

conhecimento dessa possibilidade de recurso, pois o foco do trabalho estava na formação de leitores, de leitura com eloquência, proficiência, autonomia dentre outras capacidades, não necessariamente na capacidade de decorar o texto.

Para apresentação teatral, os alunos usaram figurinos e maquiagem que retratavam as características de seus personagens. No rosto, havia a pintura branca com detalhes em preto e outras cores elemento típica do universo teatral pela representação das máscaras. Ainda utilizaram da exibição de imagens, projetadas durante algumas cenas, como recurso de reforço para melhor contextualização dos temas que foram abordados nos texto. Em alguns momentos, provocou-se a participação da plateia em responder perguntas dos atores em cena a respeito dos temas apresentados.

A plateia que esteve presente para assistir a apresentação manifestou-se e pela reação das palmas e gritos com expressões típicas dos adolescentes percebemos que estavam felizes com o que foi apresentado. Ao final, o elenco fez agradecimento aos alunos e às professoras responsáveis pelas turmas por estarem presentes na plateia e pela cooperação e interação em relação à encenação.

Concluídas essas etapas, era necessário compreender de que forma as atividades desenvolvidas interferiram no processo ensino e aprendizagem no sentido de favorecer o desenvolvimento do letramento literário e das habilidades de leitura dos alunos envolvidos. Para isso, aplicamos um questionário avaliativo, cujos dados estão registrados a seguir.

4.4 Das respostas atribuídas ao questionário avaliativo

No intuito de entender ainda mais, a partir da percepção do aluno, de que forma essa experiência com a leitura do texto teatral possa ter colaborado na formação da capacidade leitora e instrumentalização para a formação do letramento literário deste, ao final da experiência, 24 alunos responderam a um questionário avaliativo (Apêndice C) composto por quatro perguntas abertas.

As perguntas serão apresentadas na sequência com as respectivas respostas atribuídas a elas pelos alunos participantes da pesquisa. As respostas não seguirão, obrigatoriamente, a ordem alfabética indicativa dos alunos, mas a relevância do

conteúdo que será analisado. Em alguns casos, iremos apresentar respostas num mesmo bloco por estarem relacionados em algum aspecto.

A primeira pergunta (**A respeito do texto teatral, o que de novo você aprendeu?**), auxiliou-nos a entender que contribuições as atividades desenvolvidas puderam oferecer para a ampliação da concepção dos alunos acerca do texto teatral. Vejamos:

Aluno A: Na verdade, o texto teatral sempre esteve presente em minha vida, só que agora aprendi detalhadamente sobre as formas de ter uma visão maravilhosa, como aprendi aperfeiçoar mais, as falas, os gestos, as ações [...].

Aluna B: O texto teatral pra mim era apenas um texto qualquer em que as pessoas encenavam, mas agora eu sei que é um texto bem organizado, [...] para que ele consigam encenar.

Enquanto um aluno demonstra ter certa familiaridade e contato, outro apresenta uma concepção de distanciamento com o texto teatral, contudo ambos reconhecem que este texto tem sua especificidade. O aluno A comentou, em outros momentos da aula, que sempre apreciou o teatro. Isso porque sempre participava de eventos que envolvessem alguma encenação, seja no próprio ambiente escolar ou quando a escola levava sua turma para assistir a algum espetáculo no teatro. Observou ainda que essa experiência lhe trazia mais aprendizagem, pois ajudava a melhorar sua leitura, seus conhecimentos.

Já a aluna B, assim como registrado, afirmava, em momentos de conversas durante as aulas, que não tinha o hábito de ler, não apenas textos de teatro, mas também outros livros de uma forma geral, a não ser aqueles que fossem obrigatórios das atividades da escola. Mas que mudou sua visão sobre a importância da leitura, principalmente da leitura de um texto que vai ser apresentado ou lido para um público em voz alta.

É exatamente nessa perspectiva, que concebemos a experiência com o teatro: favorece a leitura, pois exige a atenção em relação à intenção das falas, o que requer o respeito à pontuação, às pausas, às inflexões da voz de forma que seja compreensível, da melhor forma possível, para o entendimento do leitor/ator e plateia. A leitura ainda auxilia no aprofundamento dos temas abordados nos textos encenados o que favorece a ampliação do conhecimento e da formação da opinião sujeitos envolvidos no processo teatral, tal qual apontado pelos alunos.

Do ponto de vista do conteúdo, verifica-se que nova percepção é construída após a leitura do texto e compreensão de seus sentidos:

Aluna D: No texto teatral fala muito sobre a poluição, a corrupção, o consumismo, [...] aprendi coisas que eu já sabia mais não praticava e com esse texto Eu passei a não praticar mais... tipo "se queremos um país sem corrupção devemos ser honestos.

Aluna E: Eu aprendi que o mundo não era ou é tão ruim nós é que tornamos ele assim [...].

Aluna F: O teatro representa realidades sobre tudo que nos vivemos.

As falas dos alunos D, E e F apontam para o fato do texto teatral não se resumir em uma representação da vida real, mas vai além disso. Ele se apropria dos acontecimentos para sobre eles provocar a reflexão e mudança de paradigma, de concepção sobre as situações cotidianas. Trata das questões relativas à percepção da realidade, da formação da consciência acerca da responsabilidade sobre nossa interferência e nas consequências da dinâmica da vida. O teatro é um instrumento que, dentre tantas possibilidades, tem o poder de despertar ou provocar certos "incômodos" nos seus espectadores quanto ao posicionamento frente à realidade. O conteúdo literário acaba por proporcionar a reflexão de que somos nós os responsáveis pela existência daquilo que constitui a sociedade. Se existe a bondade, a maldade, a justiça, a honestidade, a corrupção etc, é evidente que são produtos das ações e principalmente das relações sociais, ou seja, da espécie humana. Assim, o texto tende incentivar a formação reflexiva por meio da forte crítica social presente neste.

De outro modo, o exercício com o teatro exerceu um papel fundamental no sentido de fazer o aluno adotar um ponto de vista voltado para sua participação ativa para a transformação da realidade à sua volta, a vida em sociedade: "Eu passei a não praticar mais... tipo "se queremos um país sem corrupção devemos ser honestos. (Aluna D). Assim, com base nesta atividade aluno passou a ver o teatro como algo mais próximo de sua realidade, possibilitando traçar um paralelo com a sua realidade cotidiana.

De acordo com Candau (2011, p.102),

O "novo" educador é aquele que encara a educação como problematização. A educação assim encarada é aquela que propicia desenvolver nos alunos o seu poder de captação e compreensão do

mundo como realidade em processo, pensando-o e a si mesmo, sem dicotomizar este pensar da ação. A prática educativa problematizadora propõe aos homens a sua própria situação como um problema (um desafio) a ser encarado, visando à transformação. (Grifos do autor)

Do ponto de vista comportamental, no sentido de autonomia do sujeito frente à experiência de leitura para uma coletividade, verifica-se o registro do Aluno R - o mesmo que se referiu à questão número 5 do questionário de sondagem (*Você acredita que o contato com o teatro pode colaborar para sua formação de leitor? Explique!*) E o aluno foi o único a responder de forma negativa e não apresentou nenhuma explicação. Vejamos agora o que ele afirma a respeito da possibilidade de ter aprendido algo novo com o texto teatral:

Aluno R: Da peça teatral eu entendi que isso é uma atividade muito boa e que a pessoa apresenta para muitas pessoas [...] uma nova forma de parar de ficar com vergonha na frente das pessoas, apresentar normal.

Essa resposta representava um parâmetro também muito importante nessa avaliação dos resultados alcançados pela intervenção de leitura com o texto teatral. Isso porque dentre as frentes de interesse com o estudo do texto teatral encontra-se o crescimento pessoal (motricidade, afetivo, cognitivo). O relacionamento entre o indivíduo e o coletivo que permitirá a vivência de situações importantes para o seu convívio social, exercendo de direitos e deveres, o respeito às diferenças, dentre outras. De forma que, na educação, o teatro apresenta-se como excelente ferramenta, já que atua como um recurso importante para a formação comportamental.

Diante dessa resposta, é possível que o aluno não tenha participado de alguma experiência de fato com o texto teatral, ou que não tenha sido despertado para essa participação. Podemos deduzir isso com base nas respostas às perguntas ainda do questionário de sondagem: 2 – *já assistiu à encenação de uma peça de teatro? Descreva como aconteceu!* O referido aluno respondeu que sim e na descrição da experiência escreveu: *em casa, história comédia: pela gramática*. As expressões se referem ao local, gênero e suporte. Dentre as três indicações, a gramática, possivelmente, se refere ao livro didático, pois foi a fonte indicada pela turma pra essa mesma resposta por intermédio da atividade realizada, como já foi

citada no relato da crônica “Emergência” de Luís Fernando Veríssimo. Podemos considerar o conteúdo dessa resposta do aluno em dois aspectos. O primeiro pela concepção do teatro enquanto “uma atividade muito boa e que a pessoa apresenta para muitas pessoas” (Aluno R), então pode-se ver que este percebe ou descobre o teatro como algo positivo, bom ou que faz bem e que pode ser compartilhado “apresentado” para muitas pessoas.

O segundo aspecto é que o teatro pode colaborar para o desenvolvimento da expressividade, autoconfiança, como diz o próprio aluno: “uma nova forma de parar de ficar com vergonha na frente das pessoas, apresentar normal”. O que pode ser resultado de uma experiência num ambiente de partilha, de vivência positiva, prazerosa, favorável para o aprendizado.

O fazer teatral é também uma possibilidade de boas surpresas, encantamento e pode “funcionar” como remédio, ou antídoto para os males da alma. Soltar o corpo, expressar-se em sua totalidade de ser humano, manifestando as sensações das experiências por meio do exercício da afetividade, da partilha das emoções, risos, lágrimas, reflexões e como nos percebemos e nos sentimos diante dessas experiências. Assim, o teatro enquanto arte literária tem o poder de “reumanizar”, de despertar em nós as potencialidades de seres sensíveis que a dureza e as atrocidades da vida real acabam por fazer sucumbir e ficar esquecidos e adormecidos.

Da mesma forma que o teatro pode fazer refletir sobre a vida, o ambiente externo, também tem a capacidade de fazer voltarmos para o nosso interior e trazer à tona as coisas boas, as qualidades positivas da parcela de humanidade que reside em nós.

A segunda pergunta (**Esse projeto contribuiu na sua forma de ler e escrever? Justifique.**) tinha por foco verificar as interferências positivas ou não, do ponto de vista da linguagem, nas competências de ler e escrever. Selecionamos registros como exemplo da compreensão da turma, seja como indicação positiva ou negativa:

Aluno A: Melhorou, numa forma mais inspirativa, pois a escrita por um lado ainda continua a mesma leitura também, só que ler mais livros com abordagem teatral.

Aluno J: De leitura sim, já de escrita não muito de leitura eu aprende uma forma mais formal de falar.

Aluno P: Sim minha leitura fica melhor mas minha escrita não

Na resposta o Aluno A comenta que melhorou e usa a expressão “inspirativa”, ou seja, que causa inspiração e continua afirmando que a escrita e a leitura continuam as mesmas, “só que ler mais livros com abordagem teatral”. Procuramos o aluno para esclarecer esta última frase, e ele informou que ela deveria estar escrita assim: “Só que agora pretendo ler mais livros com abordagem teatral”. A contribuição, portanto, do projeto de leitura executado se efetiva na motivação deste em querer ler livros do gênero ou que tratem a respeito de peças de teatro. Dessa forma, é possível verificar uma contribuição positiva uma vez que o aluno demonstrou o desejo de ter novas experiências de leitura.

As respostas dos alunos J e P também apontam que houve mudanças quanto à leitura, porém não identificam melhorias quanto à escrita. De fato, na forma da escrita dos três alunos é possível constatar alguns desvios gramaticais, de ordem ortográfica e de pontuação; aspectos também observados na escrita de outros alunos. Essas marcas servem como indícios para que se possa entender e planejar, para aula de língua portuguesa, estratégias mais específicas de trabalho pedagógico para obter avanços quanto aos problemas de domínio da escrita dos alunos. Ademais, é válido lembrar que as possibilidades da leitura literária colaborar com a competência escrita, não necessariamente estão em especificidades gramaticais, passa tão somente pela percepção do uso da linguagem por meio dos termos linguísticos e sua organização na frase de modo articular sentidos, possibilitando o leitor alargar seu vocabulário. Com efeito, quanto mais o aluno ler bons livros, mais ele aprende sobre os mecanismos de funcionamento da língua, tanto escrita quanto falada. Por isso, a importância da literatura e a gramática caminhar juntas (BRAGA e SILVESTRE, 2009).

As respostas das alunas F e M, assim como outras, sinalizaram para o do exercício da leitura enquanto atividade de treinamento, prática de repetição como os próprios alunos comentam:

Aluna F: Sim, por nossas atividades como praticávamos muita leitura ajudou bastante nesse caso.

Aluna M: Sim. Por que de tanto ler o texto várias vezes seguidas, minha leitura e escrita melhoram.

Durante as atividades de leitura e principalmente da leitura do texto base, realizamos exercícios para podermos conseguir dos alunos a familiaridade necessária junto ao conteúdo do texto de modo que eles pudessem descobrir as várias possibilidades de leituras, especialmente, no entendimento e no desvendamento dos sentidos que estavam presentes nas entrelinhas de seu conteúdo. A cada leitura, verificava-se a possibilidade de novas descobertas, de interpretação e ampliação do conhecimento. Nesse processo, a leitura muda o leitor, o leitor muda a forma de ler. A leitura no papel está morta, mas em contato com o leitor ele vivifica. Assim como diz Borges:

Quando o abrimos, quando o livro dá com seu leitor, ocorre o fato estético. E, cabe acrescentar, até para o mesmo leitor o mesmo livro muda, já que mudamos, [...] Mudamos incessantemente e é possível afirmar que cada leitura de um livro, que cada releitura, cada recordação dessa releitura renovam o texto. (BORGES, 1999, p. 284)

Ao voltar ao texto, o leitor constata que não é mais o mesmo texto de antes, em função de novas descobertas; nem ele mesmo é o leitor do momento passado, considerando que deu um passo a mais na compreensão dos sentidos. Esse aprofundamento da leitura transforma a experiência de contato com o conteúdo de um texto porque renova os sentidos de seus conteúdos e permite ao leitor, pelo domínio do conhecimento, sentir-se parte do processo de criação do texto, numa relação de interdependência, por meio do leitor, o texto exerce sua função de sentido.

As respostas que seguem abordam a mudança nos hábitos de leitura e sobre a sobre a elucidação do texto teatral. Vejamos:

Aluna G: Sim, pois depois desse projeto, eu leio com mais frequência, e leio melhor do que antes. Minha escrita está bem melhor também por causa da leitura.

Aluno O: Sim. Aprendi mais a interpretar um texto teatral.

O estímulo à leitura deve ser objeto de preocupação constante no cotidiano escolar. A valorização da leitura, considerada num sentido amplo, advém de sua importância para inclusão do sujeito numa cultura letrada. Observando as palavras da aluna G quando diz que agora lê com mais frequência e que melhorou na escrita em decorrência da leitura realizada pela intervenção do presente trabalho, percebemos que a aluna passou a frequentar mais a escola depois da aplicação do projeto de intervenção, melhorando assim seu rendimento escolar.

Nesse sentido, estamos cumprindo com o papel fundamental da escola que é o de favorecer o acesso à leitura, visto que é na escola que se tem o espaço privilegiado para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita. Além das habilidades intelectuais a escola pode e deve formar cidadãos. Através da literatura pode-se estimular

[...] o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição sine qua non para a plena realidade do ser (COELHO, p. 16, 2000).

Dessa forma, ao habilitar os alunos a transpor os conhecimentos relativos às necessidades voltadas aos princípios dos conhecimentos exigidos numa sociedade regida pelo domínio da palavra, em especial da palavra escrita, a escola pode colaborar para ampliação das capacidades de leituras dos alunos no sentido de que eles possam interpretar a realidade em suas várias representações, especialmente nas situações de sensibilidade à existência do outro, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, tanto em seu universo particular quanto no mundo exterior.

No que se refere ao outro trecho, em que a aluna diz: “Aprendi mais a interpretar um texto teatral”. Compreendemos que ela não se refere a apenas aos sentidos da relação lógica entre as ideias que estão implícitas no interior do conteúdo do texto teatral, mas que se sente capaz de identificar que o texto teatral tem sua estrutura específica assim como todo gênero textual a possui. No caso do

texto dramático, este apresenta rubricas, personagens, tempo, espaço enfim elementos que se pode encontrar num texto narrativo, no entanto, é um texto com destino à encenação, que tem o objetivo da concretização pela oralidade.

Então, reforçamos o que já afirmamos: para que um texto se concretize precisa de um diálogo entre dois interlocutores, no caso do texto teatral é necessário que a leitura seja feita em dois processos: a dos atores e intérpretes – produto do resultado das leituras e estudos na montagem do espetáculo - e a leitura de destino realizada pela plateia que fará sua interpretação através dos vários elementos que compõem as artes cênicas, como: entonação da voz, ações, expressão facial e corporal entre outros recursos relativos ao processo da arte dramática.

A terceira pergunta (**Descreva como se sentiu e comente sobre a sua participação no processo de produção e encenação de um texto de teatro.**) buscava averiguar a percepção dos alunos enquanto participantes da construção e apresentação de um texto dramático. Quanto às respostas apresentadas apenas um aluno deixou o espaço em branco, as demais repostas apresentaram sentimentos, reações de ordem positivas através do relato de emoções, satisfação, liberdade dentre outros. Por apresentarem associação quanto às manifestações, selecionamos alguns registros para comentar os resultados obtidos.

Mesmo diante da falta de intimidade dos alunos com o teatro seja no papel de espectadores seja no papel de atores, reconhecem-se a importância que este possa vir conferir à educação caso seja usado na sala de aula como recurso didático. Vejamos o que registra o aluno A, a respeito da questão:

Me senti finalmente livre, pois (o Gênio), apesar de ser um personagem ainda meio bobo e ainda meio esnobe pela sua capacidade intelectual, me encaixei e me pareci muito com ele, pois tem uma coisa nele que não sei explicar, mas algo, que me fez ser praticamente um gênio (eu) da vida, as dinâmicas e o ensaio, me fez sentir infinito. (grifos do aluno)

O papel do personagem Gênio que foi escolhido e interpretado pelo aluno A apresentou uma simetria entre os dois de forma muito positiva. Como o próprio aluno comenta que “mesmo sem saber explicar, sentiu-se finalmente livre, um gênio, infinito”. Mesmo que o personagem apresentasse um aspecto necessário de aperfeiçoamento, “meio bobo e meio esnobe”, o aluno se mirou na experiência de âmbito mais significativa, aquela que para ele trouxe a sensação de liberdade.

Associado a isso também se deu a valorização intelectual, pois como ele também afirma: “me fez ser praticamente um gênio”. Por meio dessas revelações constatamos a força e o poder que a arte da palavra, a literatura, tem sobre as emoções e sensações das pessoas.

No teatro, conhecemos uma personagem por meio do que a própria personagem revela sobre si mesma em suas falas; por suas ações ao longo da peça; pelo que outras personagens falam sobre ela; ou, ainda, pelas rubricas escritas pelo autor. De qualquer maneira, as ações de uma personagem devem ser críveis, ou seja, nós, leitores e espectadores, precisamos acreditar que uma pessoa poderia agir do modo como a personagem age. Para isso, a personagem precisa ter uma lógica interna, precisa ser verossímil. Podemos associar a percepção dada pelo aluno para sua identificação com a personagem a esse jogo de identificação construída pela verossimilhança, em que o ator deve interpretar a personagem da forma mais realista que puder, há uma aproximação entre o jeito de ser do próprio ator e o jeito de ser que ele constrói para a personagem que interpreta.

Os resultados foram alcançados através das dinâmicas e ensaios repetidos, pois os próprios alunos que estavam participando de forma mais direta com a preparação da apresentação do texto solicitaram a repetição dos ensaios e leituras para que pudessem se sentir mais seguros e preparados. A cerca disso, as alunas G, D e S registram:

Aluna G: No começo, me senti insegura, com medo de tentar fazer a peça, mais depois com todo o preparo que tive, não me senti mais assim. Minha participação, não foi um dos personagens principais, mais no teatro, todos são importantes na peça.

Aluna D: Me sentir como uma atriz de verdade, como uma profissional, é foi muito legal essa experiência que eu tive com esse texto teatral.

Aluna S: No começo não gostava, mas depois comecei a amar, a sentir reações que nunca senti. Amei fazer este projeto. E queria pode fazer isto mais vezes.

Por meio das respostas acima, entende-se que as dificuldades, os medos, os receios que os estudantes sentiam e que se apresentavam durante os trabalhos desenvolvidos serviram enquanto desafios para que fossem transformados em superação como os próprios alunos afirmam: “mais depois com todo o preparo que tive, não me senti mais assim”. “Me sentir como uma atriz de verdade, como uma profissional...” “...comecei a amar, a sentir reações que nunca senti”. O ator de teatro

precisa interpretar o que o autor do texto quis revelar por meio daquela personagem e apresentar, com seu corpo, essa interpretação para o público. Para isso, ele usa a expressividade de seus gestos e de sua voz.

Na articulação das ideias de *persona* (a máscara) e de personagem (aquele de ato), Pavis (1999, p.285) afirma que:

No teatro grego, a *persona* é a máscara, o papel assumido pelo ator, ela não se refere à personagem esboçada pelo autor dramático. O ator está nitidamente separado de sua personagem, é apenas seu executante e não sua encarnação a ponto de dissociar, em sua atuação, gesto e voz. Toda a sequência da evolução do teatro ocidental será marcada pela completa inversão dessa perspectiva: a personagem vai-se identificar cada vez mais com o ator que a encarna e transmudar-se em entidade psicológica e moral semelhante aos outros homens, entidade essa encarregada de produzir no espectador um efeito de identificação.

Outros alunos também fizeram parte do processo da realização das oficinas e mesmo não atuando na peça enquanto personagens, puderam experienciar os benefícios advindos da arte dramática e relataram suas visões também do lugar de expectadores. Vejamos os trechos de suas respostas:

Aluna B: Eu me senti bem, Ansiosa pra ver como iria ficar a peça mesmo sem ter participado.

Aluna X: Eu não participei da encenação mais fui as oficinas e gostei muito muito bom.

Aluno W: eu não participei da peça, participei das oficinas e achei muito bacana.

Se o teatro é o lugar de onde se vê, é fundamental que todas as visões, opiniões e vozes que sejam emitidas, como retorno de um trabalho feito com teatro e apresentado a um público como resultado de um processo, possam ser consideradas por mais simples que sejam: “bacana”, “muito bom”. Revelam a experiência positiva o aspecto compensador do trabalho desenvolvido. A expressão “Ansiosa pra ver como iria ficar a peça.” Mostra que ansiedade, nervosismo são elementos naturais no trabalho com arte. A emoção é elemento base, pois é por meio da arte que despertamos ou reavivamos a sensibilidade. Nossa cota de humanidade.

Esse resultado de superação das expectativas foi alcançado através da metodologia que serviu como norte para o bom desempenho das atividades. De um

modo geral, a percepção do grupo é de superação e conquista. Primeiro por aprender mais sobre o gênero através do texto objeto de estudo; depois, através do exercício de produção textual, entender as especificidades de um texto criado para ser representado, vivido, vivenciado.

A quarta e última pergunta do questionário (**De que forma o texto teatral lido e encenado pôde colaborar na reflexão sobre as questões ou problemáticas da vida real?**) possibilitou entender como o trabalho de leitura e encenação contribuiu quanto ao pensamento sobre temas do cotidiano.

Assim, ler, principalmente textos literários, é uma atividade de produção de sentidos. É pela linguagem que o ser humano se relaciona entre si e com o mundo que o rodeia, com todas as complexidades decorrentes de aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos. Pela encenação, o aluno conheceu seu potencial de interação, sendo capaz de reconhecer e qualificar suas relações com o outro e com a sociedade em que vive.

As respostas mostraram repetição quanto aos conteúdos abordados, então, selecionamos alguns trechos que servirão de representação dos registros apresentados pelos alunos.

Para analisar as respostas atribuídas a esta última pergunta, começamos com as falas de dois alunos. Vejamos:

Aluna D: O texto teatral ele quis passar uma mensagem de socorro para as pessoas, tentando dizer para elas que o mundo hoje em dia tem muita corrupção, muito consumismo e muito mais muito poluição e a natureza e as pessoas estão pedindo socorro. [...] ajudou as pessoas a refletir sobre esses assuntos.

Aluna S: [...] a poluição que na vida real todo mundo polui as ruas, as escolas e vários outros lugares. A corrupção: todo mundo tem esse lado até nós mesmo. Consumismo: todos nós exageramos na ostentação. E aprendi que devemos ser diferentes, devemos ajudar o mundo.

As duas falas acima se complementam. Os temas apresentados no texto abordam as questões de corrupção, poluição, consumismo, representa, na verdade, um pedido de socorro em prol da natureza que como próprio texto diz “A natureza padece tudo está sofrendo” (RAMALHO, 2004, p. 07). Ao mesmo tempo em que se faz a denúncia ou as denúncias a respeito dos problemas sociais abordados no texto, há também a nobreza em assumir a parcela de responsabilidade direta nesse

processo, pois como diz a aluna S: “na vida real todo mundo polui as ruas, as escolas e vários outros lugares”. O trabalho com a leitura e a encenação do texto colaborou para a formação da consciência ecológica no sentido de entender que o mundo é extensão de nossa casa, todas as más ações realizadas por qualquer um de nós afetas a todos de forma geral. Como aponta o próprio texto: uma atitude aparentemente simples de não jogar lixo no chão, separar os tipos de lixo (coleta seletiva), zelo pelos bens públicos, evitar queimadas dentre outros pequenos gestos, podem fazer grande diferença na qualidade de vida de todos.

Quanto ao tema da corrupção: “todo mundo tem esse lado até nós mesmo”. A abordagem apresentada no conteúdo do texto e na leitura dramática buscou mostrar que a corrupção não está relacionada apenas a desvio de verbas públicas, por agentes políticos ou responsáveis por cargos de poder que tem acesso a vultosas somas de dinheiro ou recursos; na realidade a corrupção está presente nas atitudes mais corriqueiras de nosso dia a dia como usar carteirinha de estudante falsa, quando se suborna um guarda para não pagar o valor exato da multa de trânsito, entre outras ações que se configuram como aparentes pequenos delitos, mas que já são considerados como atitudes “normais” do comportamento do “povo brasileiro”. Então, para exigir mudança de comportamento dos representantes políticos ou de cargos públicos que tem acesso a valores monetários, é necessário que olhemos para nossas próprias atitudes e comecemos a mudar nossos hábitos incorretos no sentido de que tenhamos a consciência de que a honestidade deve ser obrigação de todos e realizadas em todas as atitudes.

Em relação à outra temática que foi apontada no texto e nas falas dos alunos o “Consumismo: todos nós exageramos na ostentação”, novamente vem o ato de assumir a responsabilidade quanto ao exagero do consumo ou uso de elementos da gastronomia, eletrônica, tecnologia em geral, objetos, vestuário, etc. Estes excessos quanto ao uso e consumo que está bem evidente em um número bastante considerável da população é resultado da mentalidade capitalista que transforma os consumidores em produtos sem que eles percebam. Pessoas que se tornaram outdoors ambulantes, como afirma Bauman: “na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria [...]” (2008, p. 20).

Segundo o autor, esse sistema impõe que as pessoas passem por uma mudança constante para responderem às necessidades do mercado – seja na questão profissional, na moda e na compra de mercadorias mais modernas. O autor

ainda acrescenta que a sociedade contemporânea reconhece seus membros primeiramente como consumidores, e alguns, de modo secundário, como produtores. Essa divisão reflete a desigualdade social limitando a participação de determinadas camadas sociais nessa relação de consumo e produção. Cita como exemplo a questão dos pobres: para a sociedade de consumo, quem não obtiver meios para compra, não se adequa a esta sociedade, portanto são os “não-consumidores”.

No texto criado com base no texto objeto de estudo de nossa pesquisa a personagem que representa o consumismo é levada a refletir sobre sua condição e seu comportamento, e acaba percebendo a exacerbação que tomou conta de sua vida e, a partir desse momento, conclama aos espectadores a fazer uma análise sobre como cada um está se relacionando com o processo de consumo.

CONSUMISMO: É necessário que nós nos despojemos de todas as coisas que nos impedem de ser uma pessoa melhor. Deixemos para trás todas as nossas diferenças e nossas imperfeições, pois o mundo precisa de: (TODO ELENCO RESPONDE):

TOLERÂNCIA
RESPEITO
SOLIDARIEDADE
AMOR
DIÁLOGO
FRERNIDADE
AFETO
CARINHO

Essa postura reflexiva ajuda aos leitores/espectadores a entender que “devemos ser diferentes, devemos ajudar o mundo”. Como a própria aluna fala. Então começemos por nos ajudar a desconstruir essa falsa necessidade do excesso de consumo e dessa materialização da vida que nos faz deixar adormecidos em nós as dores, e desafios da alma que não podem ser curadas com elementos externos, especialmente com produtos ou objetos que não possuem representatividade relevante para nosso crescimento interior

A partir dos dois últimos fragmentos a baixo concluímos nossa análise com a certeza de que este trabalho trouxe contribuições no sentido de favorecer a reflexão, a percepção da realidade como mostram os trechos:

Aluno N: Com as reflexões pode ser que algumas pessoas possam entender sobre seu modo de agir e pensar.

Aluna T: Que o respeito tem que ser em 1º lugar. Aprendi varias coisas boas.

As temáticas inseridas no texto tiveram como intuito favorecer e provocar reflexões e, conseqüentemente, aprendizado. É importante refletir sobre nosso “modo de agir e pensar” e o teatro contribui para isso, pois “(...) é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em ação, em atividade”. (Boal, 2002, p. 27). Desse modo o trabalho desenvolvido com o texto teatral pode servir enquanto instrumento para o entendimento e resolução das questões de cunho individual e coletivo, através do conhecimento de si mesmo.

O letramento literário planejado e desenvolvido neste projeto de intervenção buscou a formação de leitores proficientes com base na fruição do texto literário, em especial o texto dramático de forma que o leitor se apropriasse da construção dos significados presentes no texto, pois “(...) Quanto mais profundamente o receptor se apropriar e se entregar ao texto, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será.” (OCCEM, BRASIL, pág. 59-60, 2006). Durante as leituras e, principalmente, na elaboração do texto que seria apresentado pelos alunos, questões que costumeiramente busca-se ignorar foram discutidas, e por meio delas realizamos reflexões com a participação da plateia que sempre respondia a determinadas perguntas e questionamentos feitos pelos personagens a respeito dos temas abordados.

Conclui-se que o respeito deve estar sempre presente nas relações, pois é fundamental que se reconheça a pessoa na sua individualidade, no seu direito de ser quem é, na sua liberdade de expressão. Nesse sentido, realizamos este trabalho com intuito de promover o exercício, o direito pelo qual todos os nossos alunos puderam desempenhar suas funções de leitores por meio do letramento literário através de vivências, de atividades em grupo e individuais, em que exerceram o papel de protagonistas, apresentando suas opiniões, comentários, suas visões de mundo e dividindo com outros leitores/espectadores todo aprendizado adquirido durante a experiência com o texto teatral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretendeu com este trabalho foi analisar as contribuições do gênero teatral na formação do leitor na perspectiva do letramento literário em seus usos sociais, como instrumento de inserção do indivíduo no mundo da escrita, enquanto fator de colaboração na compreensão do mundo e da efetivação da prática da leitura de textos literários.

Enquanto a arte da palavra, a literatura está dotada do potencial comunicativo da língua, seja escrita ou oralizada, de forma que esta apresenta um papel significativo, tanto na conquista de leitores quanto no desenvolvimento de práticas leitoras, transformando a leitura numa ação proficiente, seja para responder às demandas sociais, bem como numa atitude espontânea e prazerosa.

O teatro tem um papel importante na aprendizagem do aluno, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento do jovem leitor como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem dos conteúdos propostos pela escola. Além disso, sob a perspectiva de ser uma obra de Arte, o teatro também incomoda, no sentido filosófico, porque faz repensar e querer modificar a realidade instaurada. Ademais, possui caráter lúdico e constitui-se como forma de lazer.

Com apoio do texto teatral “Novas Aventuras de João Grilo”, de Lourdes Ramalho, os alunos passaram a conhecer não somente uma produção literária de autoria paraibana, mas a respeito do gênero, em suas especificidades, possibilitando leituras analíticas do texto assim como produção de outro texto, baseado no texto original, a ser apresentada para o público. As ações propostas, a partir da sequência básica (Cosson, 2014) e oficinas acabaram por veicular competências leitoras dos educandos por via do gênero literário, possibilitando aos alunos envolvidos superarem limites. O que vem confirmar a literatura enquanto a arte da palavra que dispõe de um potencial comunicativo da língua, representando um recurso significativo que transforma a leitura numa ação reflexiva, espontânea e prazerosa.

É consenso que a arte, o teatro, a literatura são direitos imprescindíveis a pessoa humana. No teatro todos são importantes e podem contribuir para o aprendizado mútuo. O teatro provoca a reflexão sobre a realidade faz pensar sobre cada um de nós e sobre nossa participação na conjuntura social e mais ainda colabora para que possamos aperfeiçoar nossas limitações e buscar construir uma

sociedade mais justa, mais humana, aspectos estes apontados pelos alunos em suas repostas aos questionários.

As atividades propostas com intervenção em sala de aula vêm reforçar a escola como espaço responsável pela formação dos alunos e, assim, deve proporcionar a eles os mecanismos necessários para o bom desenvolvimento de suas capacidades para que estes possam estar mais bem preparados para a vida escolar e para emancipação social. Para tanto, tornam-se necessárias estratégias de leitura com vistas ao letramento literário, mas também é imprescindível que haja o exemplo de leitura dos professores por meio de um processo inserido e engajado numa exercício efetivo de leitura.

Os dados coletados revelam que a experiência de leitura com texto teatral trouxe resultados significativos à aprendizagem dos alunos, considerando que puderam exercitar a imaginação, a criticidade, o espírito de equipe, a sensibilidade, dentre outras atividades que foram possibilitadas pela dinâmica do fazer teatral.

Portanto, acreditamos que essas reflexões aqui apresentadas podem contribuir para as discussões sobre o estudo do texto literário no Ensino Fundamental no processo de formação do leitor, no sentido do letramento. Para isso, inscreve-se a necessidade de aliar conhecimento, autorreflexão e prazer no despertar da consciência crítica do cidadão, pois é importante que continuemos em busca de práticas pedagógicas que insistam na construção autônoma dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vanda T. O leitor competente à luz da teoria da literatura. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 124, v. 5/6, p.23-34, jan./mar. 1996.

ANDRADE, Valéria. LÚCIO, Ana Cristina Marinho. Lourdes Ramalho e o teatro para criança. In: SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etienne Mendes (Org.). **Caminhos da Leitura Literária**: propostas e perspectivas de um encontro. Campina Grande: Bagagem, 2009.

_____. Blog Amigos da cultura de Jardim do Seridó – RN. **PERSONALIDADES DA CULTURA JARDINENSE - ESCRITORA LOURDES RAMALHO**. 30 de Maio de 2012. Disponível em < http://amigosdaculturadejardimdoserido.blogspot.com.br/2012/05/personalidades-da-cultura-jardinense_30.html >. Acesso em: Jan 2017.

_____. **Lourdes Ramalho, a dramaturga quase esquecida**. Disponível em: < <http://revistaraiz.uol.com.br/portal-raiz/portalraiz.php?cod=709&rel=5> >. Acesso em Dez de 2016.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARISTÓTELES. **Poética**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOAL, A. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

BORGES, Jorge Luis. Obras completas de Jorge Luis Borges. São Paulo: Globo, 1999. v. 3.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula**. São Paulo: Global, 2009.

BRÄKLING, Kátia Lomba. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004.

BRASIL. **Orientações Curriculares para Ensino Médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias; volume 1. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : 144p. 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Rumo a uma Nova Didática**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas cidades, 2002.

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 3ªed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica. **Revista científica/FAP**, Curitiba, v.3.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Duílio Pereira da Cunha. **Autoria e representação femininas em as velhas, de Lourdes Ramalho: quando um texto dramático permanece atual**. II Colóquio representações de gênero e sexualidades. Junho de 2016. Disponível em: <
http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA12_ID1704_01052016203733.pdf > Acesso em Fev de 2017.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5.ed, São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GULLAR, Ferreira. A arte como alquimia. Caderno Ilustrada. **Folha de São Paulo**. 19 de Abril de 2015. Disponível em:>
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/216498-arte-como-alquimia.shtml>> Acesso em Nov 2018.

LAJOLO, Marisa **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP: Ática, 2004.

LÚCIO, Ana Cristina Marinho. Teatro infantil na sala de aula: diálogos com a cultura popular. In: _____ (Org.). **Teatro infantil e cultura popular**. Campina Grande, Paraíba: Bagagem, 2005. p. 15-43.

MACIEL, Diógenes André Vieira; ANDRADE, Valéria. Teatro de Lourdes Ramalho; 2 textos para ler e/ou montar. Campina Grande/João Pessoa: Bagagem/Ideia, 2005.

MARIA, Luzia de. Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitoras. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MEDEIROS, Saulo Henrique L. de. **Cultura - Personalidades Culturais: Lourdes Ramalho**. Disponível em: <
<http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/outubro2008/materias/cultura.html> > Acesso em out de 2017.

MEIRELLES, Elisa. Literatura, muito prazer. **Nova Escola**. Rio de Janeiro. Edição 234, 01 de Agosto de 2010. Disponível em: <
<https://novaescola.org.br/conteudo/2607/literatura-muito-prazer> > Acesso em Fev de 2017.

MINAYO, M. C. de S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: _____. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 9-29.

MIRANDA, Juliana Lourenço. et al. **Teatro e a escola: Funções, Importâncias e Práticas**. Revista CEPPG – Nº 20 – 1/2009 – ISSN 1517-8471 – P. 172-181.

MOISES, Massaud. A análise literária. 17.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEREIRA, Valéria & PONCIANO, Nilton. **Partilhar o saber, formar o leitor: conversas entre a escrita, a história, narrativas e leituras, na perspectiva da cultura**. Dourados: Editora da UFGD, 2012. 197 p.

PERSONALIDADES DA CULTURA JARDINENSE - escritora Lourdes Ramalho. Disponível em:<
http://amigosdaculturadejardimdoserido.blogspot.com.br/2012/05/personalidades-da-cultura-jardinense_30.html> Acesso em jan 2017.

RAMALHO, Lourdes. **Teatro Infantil: Coletânea de Textos Infanto-Juvenis**. Campina Grande: RG Gráfica e Editora, 2004.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Teatro popular: três textos**. (*A eleição, Guiomar – sem rir sem chorar, Frei Molambo – ora pro nobis*). [Campina Grande]: [s.n.], [1980].

SILVA, Antonieta Mírian de Oliveira Carneiro. SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Resumo e citações de Letramento Literário na Escola: Desafios e Possibilidades na Formação de Leitores. **Revista Eletrônica de Educação de Alagoas** Volume 01. Nº 01. 1º Semestre de 2013

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**. 1ª reimpressão. Campinas, SP: Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil – ALB; Mercado de Letras, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Caderno de Formação: Formação de professores didática dos conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2. p. 101 – 108.

TÉSPIS DE ICÁRIAS OU DE ÁTICA. Disponível em: <
<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/TespisAt.html>> Acesso em Fev 2017.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Emergência*. In: **Mais comédias para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. P. 75-77. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. BERTIN, Terezinha Costa H. BORGATTO, Ana Maria Trinconi. Projeto Teláris – Português. Editora Ática. 2ª Ed. São Paulo, 2015.

ANEXOS

ANEXO A - TEXTO BASE

NOVAS AVENTURAS DE JOÃO GRILO - Lourdes Ramalho

RAMALHO, Lourdes. **Teatro Infantil: Coletânea de Textos Infanto-Juvenis**. Campina Grande: RG Gráfica e Editora, 2004.

VOZES Socorro! – Quem viver venha correndo!

Alma da Mata está morrendo!

GÊNIO - Quem vem lá, quem nos socorre?

GNOMO - A Alma da Mata morre!

ÁGUA - Sou o Espírito das Águas – a todos clamo com urgência,
assembleia extraordinária – para pedirmos clemência!

GÊNIO - Acode depressa, acode! – Nossa mãe está morrendo!

A Natureza falece – tudo, tudo está sofrendo!

ÁGUA - Venha o Rei dos animais, a Imperatriz dos insetos,
venha a Rainha das aves – nosso futuro é incerto!

GNOMO - Nossa mãe Alma da Mata está prestes a morrer,
precisamos de remédio que o mal possa vencer!

GÊNIO - Já que estamos reunidos – a quem cabe ir buscar
o grande medicamento que nossa mãe vai curar?

ÁGUA - Esse remédio famoso – está na terra, no ar?

GNOMO - Está na água, no vento? – Dizei onde ele está!

ÁGUA - É a água milagrosa que extermina todo o mal,
está no cálice sagrado conhecido por Santo Graal!

GÊNIO - Ah, o cálice peregrino – de cuja água, Jesus
matou a sede divina quando pendia da cruz!

GNOMO - E quem de nós poderia o tal cálice encontrar?

ÁGUA - Seres de boa vontade – deverão ajudar!

GNOMO - Nós três vamos, reunidos, já que é preciso ir buscar!
Corajosos e aguerridos haveremos de lutar!

ÁGUA - Temos de cada ser vivo – levar um representante.

Um homem será o guia – nosso Cavaleiro Andante!

GÊNIO - Tem que ser homem que lute contra as potências do mal,
só assim conseguiremos a água do Santo Graal!

TODOS - Asa voa, perna corre, bicho rasteja no chão,
procurando um Cavaleiro – forte, valente, brigão!

Que enfrente o Monstro Horrroso e leve a cruz em sinal
na cruzada fervorosa em busca do Santo Graal!

GNOMO - Procuraremos bicho-homem que outros bichos vai caçar!

ÁGUA - Estará no centro da Terra? Estará no fundo do mar?

TODOS - Asa voa, perna corre – vamos depressa encontrar!

GÊNIO - Se é preciso fazer guerra para a paz se conhecer,
faz-se a guerra da palavra – o bem precisa vencer!

ÁGUA - Do contrário todos morrem – se Alma da Mata morrer!

TODOS - Asa voa, perna corre – bicho rasteja no chão,
procurando o Cavaleiro valente, forte e brigão
que salve a nós, seres vivos de uma total extinção!

GÊNIO - Tem que ser homem de força para ficar na história!

GNOMO - Deve ser um bicho-homem que o mundo encha de glória!

ÁGUA - Só assim conseguiremos obter nossa vitória!

TODOS - Vamos, vamos, companheiros, à frente, sem marcha ré!
Braço pronto para a luta, força na ponta do pé!
Asa voa, perna corre, bicho rasteja no chão!

ÁGUA - Eis ali dormindo o cavaleiro em ação!

GÊNIO - É mesmo! – Mas tenham calma – vamos logo combinar
um jeitinho bem jeitoso da gente se aproximar!

GNOMO - Uma mistura de brisa com o velho canto do mar!

ÁGUA - Teremos que explicar – a força desta missão!

GNOMO - Perigos na travessia! – Monstros horrendos em ação!

GÊNIO - Dorme! – Vejam – é franzino, não tem força pra lutar!

GNOMO - Será este que o destino a nós veio reservar?

ÁGUA - É este mesmo, acordem – pra se poder conversar!

GÊNIO - Mas, rocando deste jeito? – Não há jeito de acordar!

ÁGUA - Puxa no pé, puxa a orelha! – Vira pra lá e pra cá!

GNOMO - Acorda, meu Cavaleiro! – Há guerra, vamos lutar!

GÊNIO - Acorda, acorda depressa – a briga vai começar!

ÁGUA - Encontramos nosso guia! – Nossa mãe vai se salvar!

JOÃO - Quem me procura e me chama com tanta insistência assim?
Dormia profundo sono e estão gritando por mim?
Que coisa – quando se dorme – acordar é muito ruim!

GÊNIO - Levanta rápido, jovem, que precisamos partir!

GNOMO - A Alma da Natureza está precisando de ti!

JOÃO - Me procuram? – Sou João Grilo! – E a vocês nunca vi!

GÊNIO - Você é forte, valente, disposto, audaz, perigoso?

ÁGUA - Capaz de enfrentar um monstro que seja mau, horroroso?

JOÃO - Sou fraco, covarde, tolo, comilão, mole e medroso!

GÊNIO - Buscamos um cavaleiro – que brigue, entre em ação!

JOÃO - Pois eu só toco viola – de espingarda e facão
nada entendo – e tenho medo de morte e assombração!

ÁGUA - Vai assim mesmo! Se arrasta! – Puxa, puxa que ele vem!

GNOMO - Eu agarro no traseiro, segura, empurra também!

GÊNIO - Está de pé! – Vamos, marcha! – Na luta em favor do bem!

TODOS - Asa voa, perna corre, bicho rasteja no chão!

Vai soldado, vai medroso, espadachim, capitão!

JOÃO - De espada enferrujada, espingarda sem ação!

ÁGUA - Alerta, tropa, sentido, a posto, meu capitão!

GÊNIO - A maldade se aproxima, é o Monstro Poluição!

JOÃO - Asa bate, perna cisca – eu tremo – ai, que bichão!

ÁGUA - Há fumaça pelos ares, há veneno pelos rios.

GNOMO - Há morte por toda, é tremendo o desafio!

JOÃO - Brigo eu e a viola, embora morra de frio!

MONSTRO - Quem são vocês pra lutar contra a força e o poder?

Eu pertenço aos poderosos, vou me alastrar, vou crescer!

Natureza? Seres vivos? – Tudo vai apodrecer!

TODOS - Avante, avante, guerreiros, usando as armas da fé!

A Alma da Natureza precisamos defender!

JOÃO - Meu gibão já está roto, me dói o dedão do pé,
subo ao céu, desço aos infernos – mais juro que vou vencer!

TODOS - Pega, bate, torce, agarra – segura bem o vilão!

MONSTRO - Enveneno vocês todos – e deixo mortos, no chão!

JOÃO - Toco as cordas da viola que rasgam mais que facão,
dou a terça e a segunda, dou mais forte no bordão,
boto-lhe as tripas de fora – rasgo-lhe o coração!

MONSTRO - Solto rolos de fumaça, faço o céu escurecer,
estrago rios e matas – peixes, bichos, vão morrer!

TODOS - Mas o poder da verdade sua força vai vencer!

Asa voa, perna corre, bicho rasteja no chão!

E unidos combatemos, pois estamos com razão!

GÊNIO - Correu! – Mas não descansemos – preparar pra outra ação!

ÁGUA - Nos livramos de um monstro, porém outros surgirão!

GÊNIO - Lá vem a Lua saindo por detrás do barricão!

JOÃO Não é Lua, não é nada, é o olho do dragão!

GNOMO - O dragão da hipocrisia, rei de toda ambição!

GÊNIO - Filho de toda maldade, seu nome é Corrupção!

ÁGUA - Numa mão traz crueldade – miséria, na outra mão!

GÊNIO - Este bicho é resistente e quer nos ludibriar!

JOÃO - Meus cabelos se arrepiam, meus olhos querem saltar!

Mas aceito o desafio e a briga vai começar!

CORRUPÇÃO - Vocês querem me enfrentar, seus bobos atrapalhados?

Nascido do próprio homem – sou o Grande Endemoniado!

Roubo, mato, engano, esfolo – fico rico e respeitado!

ÁGUA - Cuidado, gente, esse monstro é um perigoso ladrão!

GNOMO - Rouba o leite das crianças, dos velhos rouba o tostão!

GÊNIO - Ninguém escapa das garras do monstro Corrupção!

CORRUPÇÃO - Se querem briga – é briga! – Se querem morte – é morte!

Comigo não tem fadiga – luto no golpe da sorte!

Da honestidade inimiga – de todo lado dou corte!

TODOS - Asa voa, perna corre, outro monstro a enfrentar!

Pode ser no fim do mundo, no outro lado do mar,

Pela causa da verdade – haveremos de lutar!

GNOMO - Minha espada é aço rijo! Na vitória tenho fé!

GÊNIO - Pra salvar a Natureza ninguém pode esmorecer!

JOÃO - Minha arma enferrujada só faz quebrar catolé!

GNOMO - Cerca! Aperta! – Aqui! – Ali!

GÊNIO - O bicho pulou! – Caiu!

JOÃO - Que destreza! – Nunca vi!

ÁGUA - Foi-se o danado! – Sumiu!

GÊNIO - É mais um bicho tirano que o homem desenvolveu

pra enganar o próprio homem à sombra do mal cresceu!

ÁGUA - Porém, temendo a verdade – da verdade se escondeu.

GÊNIO - Um bom e longo descanso estamos a merecer!

JOÃO - Estou trêmulo, arrasado – só estou querendo comer!

Sou frouxo, não sou valente – o que têm a me dizer?

GNOMO - Então descansemos todos! – Todos de pernas pro ar!

GÊNIO - Foi uma briga danada, uma trégua vamos dar!

ÁGUA - Trégua bem aproveitada pra depois recomeçar!

GNOMO - Recomeçar nossa luta contra os gênios do mal!

ÁGUA - Pela paz, pela verdade – bandeira branca é o sinal!

GÊNIO - Vamos, Cavaleiro Andante – em busca do Santo Graal!

JOÃO - Estou escutando coisas! – Onde é? O que será?

GNOMO - Alguém está se aproximando! – Ô de fora! – Quem vem lá!

GÊNIO - Deve ser outro monstrengo – não se pode descansar!

ÁGUA - Olha que bicho tirano está chegando por cá!

É o polvo de mil bocas que a todos vive a sugar!

GÊNIO - O seu nome é Inflação e quer a gente acabar!

JOÃO - Já não tenho asa nem perna, espingarda nem gibão,

nem espada, nem coragem, nem fé nem disposição

pra enfrentar esse monstro sem dó e sem coração!

ÁGUA - Mas lutar sempre é preciso, ninguém pode se entregar!

GNOMO - A luta vive na terra, vive nos ares, no mar!

GÊNIO - Faz parte da natureza a luta pra se escapar!

ÁGUA - Quem quiser ser bom soldado, bom tenente, capitão,
venha brigar lado a lado contra o monstro da Inflação!

GNOMO - Incha mais do que fermento – sobe mais do que balão!

JOÃO - Bato o pé, faço carreira, que bicho feio e bufão!

Dou a volta na ladeira pra me livrar do vilão!

GNOMO - Todo esse truque é besteira – vem ele em perseguição!

ÁGUA - Desse malvado e tirano já ninguém pode escapar,
gruda, espreme, chupa, arrocha – não há como se livrar!

MONSTRO - Mil tentáculos eu tenho e a vocês vou agarrar!

Dou mil passos para a frente!

JOÃO - E mil eu dou pra trás!

GÊNIO - Ataca! Pega o insolente!

JOÃO - Nem correr eu posso mais!

ÁGUA - Enfrenta! – Mete o pau nele!

JOÃO - O bicho é forte demais!

ÁGUA - Então você não é homem?

JOÃO - Quem foi que disse que eu era?

GÊNIO - Está correndo da briga?

JOÃO - Estou correndo da fera!

GNOMO - Precisa criar coragem!

JOÃO - Coragem – ah, quem me dera!

MONSTRO - Estou cercando vocês como quem está a brincar!

Suas chances diminuem e ninguém pode escapar!

Nenhum cálice nem água vocês irão encontrar!

JOÃO - Eu não me chamo João Grilo – cantador deste sertão
se consentir que esse monstro nos amarre pé e mão!

ÁGUA - Então reaja se é homem – se é homem – seja nossa salvação!

JOÃO - Já que tenho consciência é porque tenho razão,
então devo ter coragem de morrer por um irmão!

ÁGUA - Agora falou bonito! – É só entrar em ação!

JOÃO - Sou o Cavaleiro Andante! – Trago na testa sinal!

Embora os joelhos verguem – eu lutarei contra o mal!

Se não andar – me arrasto em busca do Santo Graal!

GÊNIO - Agora falou bonito – falou com toda realzeza!

ÁGUA - Ele é o guia! – Iremos defender a natureza!

GNOMO - Viva o nosso Cavaleiro! – Tem garra, força e destreza!

JOÃO - Dou, com a espada, sem fio – a primeira cutilada!

Com os cacos da vila, dou-lhe a segunda pancada!

Com os restos da espingarda – dou-lhe a última porrada!

ÁGUA - Asa voa, perna corre, bicho rasteja no chão!

GNOMO - Pula tudo sobre o Monstro, agarra e põe no chão!

GÊNIO - Está aberto o caminho para o nosso guia João!

ÁGUA - Vamos seguindo na trilha com a maior ligeireza!

GNOMO - Asa voa, perna corre e alegria e firmeza!

GÊNIO - Em busca da água benta pra salvar a Natureza!

JOÃO - Se as pernas não me conduzem – de joelhos vou caminhando, as armas já destroçadas na estrada vou deixando, só o resto da viola me acompanha soluçando!

Agora só, sigo em busca da água medicinal.

Vocês, fiquem aqui de guarda para evitar outro mal.

Vou procurar pelo mundo – o cálice Santo Graal!

ÁGUA - E lá se foi o João Grilo – que é homem e é criança,
a enfrentar os caminhos, cheio de esperança de
encontrar o Santo Graal – que trará paz e Bonança.

TODOS - Adeus, adeus, bom amigo, Deus te conserve a nobreza,
pois é de homens assim que têm na alma a riqueza,
que o mundo necessita – pra salvar a Natureza!

FIM

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

OBS: menor de 18 anos ou mesmo outra categoria inclusa no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos autorizo a participação de _____ de _____ anos na Pesquisa **“A MAGIA DA PALAVRA - CONTRIBUIÇÕES DO TEXTO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES”**.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **“A MAGIA DA PALAVRA - O TEXTO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES”** terá como objetivo geral **Analisar as contribuições do texto teatral para a formação do leitor na perspectiva do letramento. Servirá como auxílio para melhorar os rendimentos da aprendizagem da leitura e escrita do/as aluno/as participantes.**

Ao responsável legal pelo (a) menor de idade só caberá a autorização para o/a aluno/a **participar de atividades lúdicas e responder questionário para coleta de dados durante algumas aulas de Língua Portuguesa da Escola estadual de Ensino Fundamental de Aplicação** e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O Responsável legal do menor participante da pesquisa poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 33371802 com **JOSE HILTON SILVA DANTAS RESPONSÁVEL PELO PROJETO JUNTO A CONEP- PLATAFORMA BRASIL**. Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador.

Vale salientar que este documento de consentimento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

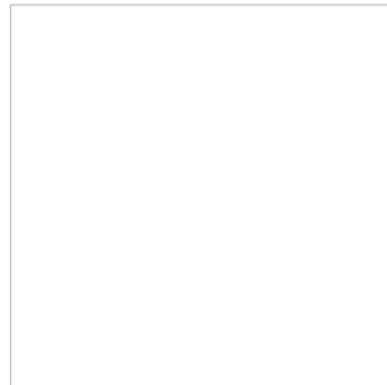
Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do responsável legal pelo menor

Assinatura do menor de idade

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja
possível a coleta da assinatura do participante da
pesquisa).



**ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E VOZ
(FOTOS E VÍDEOS)**

Eu, _____,
AUTORIZO o Prof. JOSÉ HILTON SILVA DANTAS, coordenador da pesquisa intitulada: **“A MAGIA DA PALAVRA - O TEXTO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES”**, a fixar, armazenar e
exibir a imagem e voz de

por meio de FOTOS OU VÍDEOS com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, documentários entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso da imagem e voz para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar a integridade do aluno. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Prof. JOSÉ HILTON SILVA DANTAS, assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande , 20 de novembro de 2017

Assinatura do responsável legal pelo menor

Assinatura do menor de idade

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXO D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL DE APLICAÇÃO
INEP Nº 250.72226

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado “**A magia da palavra - o texto teatral para a formação de leitores,**” desenvolvida pelo aluno **José Hilton Silva Dantas** do Curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sob a orientação da Profª Drª **Maria Suely da Costa**.

Campina Grande - PB, 03 de Abril de 2017.

Joaquim Pereira Cordão
Matrícula nº 130.430-5
Diretor da E.E.E.F de Aplicação

ANEXO E - PALHAÇADAS DE JOÃO GRILLO

MIRANDA, Eduardo. **Palhaçadas de João Grilo**. Disponível em: <http://blogkairu.blogspot.com.br/2015/11/palhacadas-de-joao-grilo.html>. Acesso em: Abril de 2017.

João Grilo foi um cristão
que nasceu antes do dia
criou-se sem formosura
mas tinha sabedoria
e morreu depois da hora
pelas artes que fazia.

E nasceu de sete meses
chorou no bucho da mãe
quando ela pegou um gato
ele gritou: não me arranhe
não jogue neste animal
que talvez você não ganhe.

Na noite que João nasceu
houve um eclipse na lua
e detonou um vulcão
que ainda continua
naquela noite correu
um lobisomem na rua.

Porém João Grilo criou-se
pequeno, magro e sambudo
as pernas tortas e finas
e boca grande e beijudo
no sítio onde morava
dava notícia de tudo.

João perdeu o seu pai
com sete anos de idade
morava perto de um rio
lá pescar toda tarde
um dia fez uma cena
que admirou a cidade.

O rio estava de nado
vinha um vaqueiro de fora
perguntou: dará passagem?
João Grilo disse: inda agora
o gadinho do meu pai
passou com o lombo de fora.

O vaqueiro bota o cavalo
com uma braça deu nado
foi sair já muito embaixo
quase que morre afogado
voltou e disse ao menino:
você é um desgraçado.

João Grilo foi ver o gado
pra provar aquele ato
veio trazendo na frente
um bom rebanho de pato
os pássaros passaram n'água
João provou que era exato.

Um dia a mãe de João Grilo
foi buscar água à tardinha
deixando João Grilo em casa
e quando deu fé, lá vinha
um padre pedindo água
nessa ocasião não tinha

João disse: só tem garapa;
disse o padre: donde é?
João Grilo lhe respondeu:
é do engenho Catolé
disse o padre: pois eu quero
João levou uma coité.

O padre bebeu e disse:
oh! que garapa boa!
João Grilo disse: quer mais?
o padre disse: e a patroa
não brigará com você?
João disse: tem uma canoa.

João trouxe uma coité
naquele mesmo momento
disse ao padre: beba mais
não precisa acanhamento
na garapa tinha um rato
tava podre e fedorento.

O padre disse: menino
tenha mais educação
e por que não me disseste?
oh! natureza do cão!
pegou a dita coité
arrebentou-a no chão.

João Grilo disse: danou-se!
misericórdia, São Bento!
com isto mamãe se dana
me pague mil e quinhentos
essa coité, seu vigário,
é de mamãe mijar dentro!

O padre deu uma popa
disse para o sacristão:
esse menino é o diabo
em figura de cristão!
meteu o dedo na goela
quase vomita um pulmão.

João Grilo ficou sorrindo
pela cilada que fez
dizendo: vou confessar-me
no dia sete do mês
ele nunca confessou-se
foi essa a primeira vez.

João Grilo tinha um costume
pra toda parte que ia
era alegre e satisfeito

no convívio de alegria
João Grilo fazia graça
que todo mundo sorria.

Num dia de sexta-feira
às cinco horas da tarde
João Grilo disse: hoje à noite
eu assombro aquele padre
se ele não perdoar-me
na igreja há novidade.

Pegou uma lagartixa
amarrou pelo gogó
botou-a numa caixinha
no bolso do paletó
foi confessar-se João Grilo
com paciência de Jó.

Às sete horas da noite
foi ao confessionário
fez logo o pelo sinal
posto nos pés do vigário
o padre disse: acuse-se
João disse o necessário.

Eu sou aquele menino
da garapa e do coité
o padre disse: levante-se
que já sei você quem é
João tirou a lagartixa
Soltou-a junto do pé.

A lagartixa subiu
por debaixo da batina
entrou na perna da calça
tornou-se feia a buzina
o padre meteu os pés
arrebentou a cortina.

Jogou a batina fora
naquela grande fadiga
a lagartixa cascuda
arranhando na barriga
João Grilo de lá gritava:
Seu padre, Deus lhe castiga!

O padre impaciente
naquele turututu
saltava pra todo lado
que parecia um timbu
terminou tirando as calças
ficou o esqueleto nu.

João disse: padre é homem
pensei que fosse mulher
anda vestido de saia
não casa porque não quer
isso é que é ser caviloso
cara de matar bebê.

O padre disse João Grilo
vai-te daqui, infeliz!
João Grilo disse bravo
ao vigário da matriz:
é assim que ele me paga
o benefício que fiz?

João Grilo foi embora
o padre ficou zangado
João Grilo disse: ora sebo
eu não aliso croado
vou vingar-me duma raiva
que eu tive ano passado.

No subúrbio da cidade
morava um português
vivia de vender ovos
justamente nesse mês
denunciou de João Grilo
pelas artes que ele fez.

João encontrou o português
com a égua carregada
com duas caixas de ovos
João disse-lhe: oh camarada
quero dizer à tua égua
Uma pequena charada.

O português disse: diga
João chegou bem no ouvido
com a ponta do cigarro
soltou-a dentro escondido
a égua meteu os pés
foi temeroso estampido.

Derrubou o português
foi ovos pra todo lado
arrebentou a cangalha
ficou o chão ensopado
o português levantou-se
tristonho e todo melado.

O português perguntou:
o que foi que tu disseste
que causou tanto desgosto
a este animal agreste?
– Eu disse que a mãe morreu;
o português respondeu:
Oh égua besta da peste!

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM

1 - O que você entende por teatro?

2 - Já assistiu à encenação de uma peça de teatro?

() sim () não

Descreva como aconteceu (Ex. quando, onde, o tema, o gênero: drama comédia, etc)

3 - Já leu alguma peça de teatro? () sim () Não

Como se deu esse contato (como teve acesso a esse texto? Qual o assunto, etc?)

4 - Quais os elementos estão presentes em um texto de teatro?

5 - Você acredita que o contato com o teatro pode colaborar para sua formação de leitor?

() sim () não

Explique:

APÊNDICE B - JOÃO GRILO E SEUS AMIGOS EM DEFESA DA VIDA

JOÃO GRILO E SEUS AMIGOS EM DEFESA DA VIDA é um texto elaborado a partir das leituras e reflexões com base na peça teatral NOVAS AVENTURAS DE JOÃO GRILO da escritora Lourdes Ramalho a apresentação é resultado de oficinas de teatro e leitura dramática, realizadas através do projeto “A MAGIA DA PALAVRA - O TEXTO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES” que faz parte da dissertação de mestrado do professor **José Hilton S. Dantas** pelo Programa PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras, realizado pela Universidade Estadual da Paraíba.

O texto aborda várias questões sociais como: poluição, corrupção, consumismo, honestidade, intolerância, dentre outros assuntos. É um convite à reflexão sobre os temas abordados de forma que possamos repensar nossos conceitos e comportamentos de como nos relacionamos com a natureza e com as pessoas de uma forma em geral, somos chamados a mudar de atitude e colaborar para a convivência em harmonia e respeito à vida.

(Projeção cenas de maus tratos à natureza: poluição, queimadas, animais em extinção etc)

VOZES Socorro, socorro! – Quem vier venha correndo!

Alma da Mata está sofrendo!

GÊNIO - Quem vem lá, quem nos socorre?

INDIO - **GNOMO** A Alma da Mata morre!

ÁGUA - Sou o Espírito das Águas – a todos clamo com urgência, assembleia extraordinária – para pedirmos clemência!

(Imagens de pessoas com lata d'água na cabeça e roupas com aspectos de ambientes secos; retratando a escassez de água)

Declamação de trechos da Música Xote ecológico: Não posso respirar, não posso mais nadar, a terra morrendo não dá mais plantar, se plantar não nasce, se nascer não dá...

ÁRVORES - Cadê a flor que estava aqui?

TODOS: Poluição comeu.

ÁRVORES - O peixe que é do mar?

Poluição comeu.

ÁRVORES - O verde, onde é que está?

TODOS - Poluição comeu. Nem Chico Mendes sobreviveu (IMAGEM DE CHICO MENDES)

GÊNIO - Acode depressa, acode! – Nossa mãe está morrendo!

A Natureza falece – tudo, tudo está sofrendo!

ÁGUA - (som da natureza e dos animais)

Venha o Rei dos animais, a Imperatriz dos insetos,

venha a Rainha das aves – nosso futuro é incerto!

GNOMO - Nossa mãe, a Alma da Mata está prestes a morrer, precisamos de remédio que o mal possa vencer!

GÊNIO Já que estamos reunidos – a quem cabe ir buscar

o grande medicamento que nossa mãe vai curar?

ÁGUA Esse remédio famoso – está na terra, no ar?

INDIO - **GNOMO** Está na água, no vento? – Dizei onde ele está!

ANJO – É um dom precioso que extermina todo o mal

INDIO - **GNOMO** - E quem de nós poderia esse tal dom encontrar?

ANJO – Seres de boa vontade –

ÁGUA - deverão ajudar!

GNOMO - vamos, reunidos, já que é preciso ir buscar!

Corajosos e aguerridos haveremos de lutar!

ANJO — Um homem será o guia –

ÁGUA - Vosso Cavaleiro Andante!

ANJO - Lembrem-se: não olhem a aparência, o coração é que é importante.

GÊNIO - Tem que ser homem que lute contra as potências do mal,

um Cavaleiro – forte, valente, brigão!
 que salve a nós, seres vivos de uma total extinção!

TODOS - ASA VOA, PERNA CORRE, BICHO RASTEJA NO CHÃO,
 VAMOS TODOS JUNTOS PROCURAR UMA SOLUÇÃO

GNOMO - Procuraremos bicho-homem que outros bichos vai caçar!

ÁGUA - Estará no centro da Terra? Estará no fundo do mar?

TODOS - ASA VOA, PERNA CORRE – VAMOS DEPRESSA ENCONTRAR!

GÊNIO - Se é preciso fazer guerra para a paz se conhecer,
 faz-se a guerra - da palavra – o bem precisa vencer!

ÁGUA - Do contrário todos morrem – se Alma da Mata morrer!

GÊNIO - Tem que ser homem de força para ficar na história!

GNOMO - Deve ser um bicho-homem que o mundo encha de glória!

ÁGUA - Só assim conseguiremos obter nossa vitória!

TODOS - VAMOS, VAMOS, COMPANHEIROS, À FRENTE, SEM MARCHA RÉ!
 BRAÇO PRONTO PARA A LUTA, FORÇA NA PONTA DO PÉ!

ASA VOA, PERNA CORRE, BICHO RASTEJA NO CHÃO!

ÁGUA Eis ali dormindo o cavaleiro em ação!

ÁGUA - Teremos que explicar – a força desta missão!

GNOMO - Perigos na travessia! – Monstros horrendos em ação!

GÊNIO - Dorme! – Vejam – é franzino, não tem força pra lutar!

ÁGUA - É este mesmo, acordem – pra se poder conversar!

GNOMO - Acorda, meu Cavaleiro! – Há guerra, vamos lutar!

GÊNIO Acorda, acorda depressa – a briga vai começar! (TOCA A CORNETA)

ÁGUA - Encontramos nosso guia! – Nossa mãe vai se salvar!

JOÃO (Começa a tremer e sentir medo porque entendeu que está havendo uma briga mesmo) Ai meu Deus, uma briga, socorroooooo.

ÁGUA – Não parece ser tão corajoso assim

GÊNIO - Rápido, jovem, que precisamos partir!

(INDIO) GNOMO A Alma da Natureza está precisando de ti!

JOÃO - Me procuram? – Sou João Grilo! – E a vocês nunca vi!

GÊNIO Você é forte, valente, disposto, audaz, perigoso?

ÁGUA Capaz de enfrentar um monstro que seja mau, horroroso?

JOÃO Sou fraco, covarde, tolo, comilão, mole e medroso!

GÊNIO - Buscamos um cavaleiro – que brigue, entre em ação!

JOÃO Pois eu só toco viola – de espingarda e facão
 nada entendo – e tenho medo de morte e assombração!

ÁGUA Vai assim mesmo! Se arrasta! – Puxa, puxa que ele vem!

GNOMO Eu agarro no traseiro, segura, empurra também!

GÊNIO Está de pé! – Vamos, marcha! – Na luta em favor do bem!

TODOS - ASA VOA, PERNA CORRE, BICHO RASTEJA NO CHÃO!

VAI SOLDADO, VAI MEDROSO, ESPADACHIM, CAPITÃO!

JOÃO - De espada enferrujada, espingarda sem ação!

ÁGUA - Alerta, tropa, sentido, a posto, meu capitão!

GÊNIO A maldade se aproxima, é o Monstro Poluição!

JOÃO - Asa bate, perna cisca – eu tremo – ai, que bichão!

ÁGUA - Há fumaça pelos ares, há veneno pelos rios.

GNOMO - Há morte por toda parte, é tremendo o desafio!

POLUIÇÃO - Quem são vocês pra lutar contra a força e o poder?

Eu pertencço aos poderosos, vou me alastrar, vou crescer!

Natureza? Seres vivos? – Tudo vai apodrecer!

TODOS - AVANTE, AVANTE, GUERREIROS, USANDO AS ARMAS DA FÉ!
 A ALMA DA NATUREZA PRECISAMOS DEFENDER!

(vão se aproximando do monstro com uma mistura de medo e coragem)

POLUIÇÃO - Enveneno vocês todos – e deixo mortos, no chão!

JOÃO - Boto-lhe as tripas de fora – rasgo-lhe o coração!

GÊNIO – Eita cabra da peste.

AGUA – Meu herói.

JOÃO – (Com sorriso amarelo) É que eu fiquei empolgado rs

POLUIÇÃO – (faz um barulho e João corre e treme pula nos braços do índio se escondendo, atrás dos personagens. Fumaça tipo gelo seco, o monstro indo em direção aos personagens e eles recuando)

- Solto rolos de fumaça, faço o céu escurecer,

Estrago rios e matas – peixes, bichos, vão morrer!

ÁGUA - Atenção pessoal, o que devemos fazer para combater a poluição?

(personagens dentro da plateia ajudam a responder junto com o público. Enquanto se pronunciam, a poluição vai se desfazendo)

DÊ CARONA, POIS QUANTO MAIS GENTE EM CADA CARRO, MENOS CARROS NA RUA E MELHOR FLUI O TRÂNSITO

SEPARE SEU LIXO E ENCAMINHE PARA A RECICLAGEM.

NÃO JOGAR LIXOS EM LOCAIS INADEQUADOS

DIMINUIR O VOLUME DE LIXO, ISSO EVITA O DESPERDÍCIO E REDUZ A GERAÇÃO DE RESÍDUOS.

DÊ PREFERÊNCIA PARA OS ORGÂNICOS, SEM ADIÇÃO DE AGROTÓXICOS

EVITE AS SACOLINHAS PLÁSTICAS, USE EMBALAGENS SUSTENTÁVEIS,

ANDAR MAIS DE BICICLETAS

EVITE QUEIMADAS

PLANTE MAIS ÁRVORES;

TODOS - MAS O PODER DA VERDADE, SUA FORÇA VAI VENCER!

ASA VOA, PERNA CORRE, BICHO RASTEJA NO CHÃO!

E UNIDOS COMBATEMOS, POIS ESTAMOS COM RAZÃO!

JOÃO – Vai timbora, bicho feio do cão (faz pose de valentão)

ÍNDIO -GNOMO – Essa frase não tinha no texto

JOÃO – Foi pra rimar com chão, razão

GÊNIO - Mas não descansemos – vamos preparar pra outra ação!

ÁGUA - Nos livramos de um monstro, porém outros surgirão!

GÊNIO - Lá vem a Lua saindo por detrás do barricão!

JOÃO - Não é Lua, não é nada, é o olho do dragão!

ÍNDIO -GNOMO - O dragão da hipocrisia, rei de toda ambição!

GÊNIO - Filho de toda maldade, seu nome é Corrupção!

ÁGUA - Numa mão traz crueldade – miséria, na outra mão!

GÊNIO - Este bicho é resistente e quer nos ludibriar!

JOÃO - Meus cabelos se arrepiam, meus olhos querem saltar!

Mas aceito o desafio e a briga vai começar!

CORRUPÇÃO - Vocês querem me enfrentar, seus bobos atrapalhados?

Nascido do próprio homem – Roubo, mato, engano, esfolo – fico rico e respeitado!

ÁGUA - Cuidado, gente, esse monstro é um perigoso ladrão!

GNOMO - Rouba o leite das crianças, dos velhos rouba o tostão!

GÊNIO - Ninguém escapa das garras do monstro Corrupção!

CORRUPÇÃO - (para a plateia como cochichando)

Se querem briga – é briga! – Se querem morte – é morte!

Comigo não tem fadiga – luto no golpe da sorte!

Da honestidade inimiga – de todo lado dou corte!

TODOS - ASA VOA, PERNA CORRE, OUTRO MONSTRO A ENFRENTAR!

PODE SER NO FIM DO MUNDO, NO OUTRO LADO DO MAR,

PELA CAUSA DA JUSTIÇA – HAVEREMOS DE LUTAR!

GNOMO - Nossa espada é a verdade.

INDIO - Nossa luta é pelo bem.

AGUA - Na vitória tenho fé!

GÊNIO - Pra salvar a Natureza ninguém pode esmorecer!

(A corrupção tenta corromper os personagens oferecendo dinheiro, vantagens especialmente a João é que é o guia, líder do grupo).

INDIO – O QUE DEVEMOS FAZER PARA COMBATER A CORRUPÇÃO? SE DIRIGE À PLATEIA PARA OUVIR AS RESPOSTAS. ENQUANTO VÃO FALANDO VÃO GANHANDO FORÇA PARA DERROTAR A CORRUPÇÃO)

NÃO FURAR FILA,

NÃO FALSIFICAR CARTEIRINHA,

NÃO ROUBAR TV A CABO,

NÃO SUBORNAR PARA EVITAR MULTAS,

NÃO COLAR NA PROVA,

NÃO ASSINAR PELO COLEGA QUE FALTOU A AULA OU AO TRABALHO,

NÃO ACEITAR TROCO A MAIS,

NÃO APRESENTAR ATESTADO MÉDICO FALSO

TODOS – SE QUEREMOS UM PAÍS SEM CORRUPÇÃO, DEVEMOS SER HONESTOS)

ÁGUA ´ - Foi-se o danado! – Sumiu!

GÊNIO - É mais um bicho tirano que o homem desenvolveu pra enganar o próprio homem à sombra do mal cresceu!

ÁGUA Porém, temendo a verdade – da verdade se escondeu.

GÊNIO Um bom e longo descanso estamos a merecer!

JOÃO Estou trêmulo, arrasado – só estou querendo comer!

GÊNIO Foi uma briga danada, uma trégua vamos dar!

ÁGUA Trégua bem aproveitada pra depois recomeçar!

INDIO - GNOMO - Recomeçar nossa luta contra os gênios do mal!

ÁGUA Pela paz, pela verdade – bandeira branca é o sinal!

JOÃO Estou escutando coisas! – Onde é? O que será? (TODOS FICAM CURIOSOS E APREENSIVOS)

GNOMO - Alguém está se aproximando! – Ô de fora! – Quem vem lá!

GÊNIO Deve ser outro monstrengo – não se pode descansar!

ÁGUA Olha que bicho tirano está chegando por cá!

É o polvo de mil bocas que a todos vive a sugar!

GÊNIO - O seu nome é consumismo e quer a gente acabar!

(BARULHO DE SAPATOS . FLASH DE FOTOGRAFIAS) ENTRA UMA MULHER CHEIA DE JOIAS, CARREGANDO VARIAS SACOLAS DE COMPRAS, USANDO CELULAR PARA FAZER FOTOS DAQUELE MOMENTO E MOSTRAR NAS REDES SOCIAIS. OS PERSONAGENS SE DEIXAM SEDUZIR PELA VAIDADE E VÃO ATÉ “O CONSUMISMO” VER E TOCAR SUAS ROUPAS, SUAS JOIAS, SEU CELULAR, TIRAR SELFIES) (UM DOS PERSONAGENS DECIDE ENTREGAR UMA ROSA PARA O CONSUMISMO QUE FICA REFLEXIVO E DECIDE SE DESPOJAR DAS COISAS MATERIAIS E VAI ENTREGANDO SEUS OBJETOS A CADA UM DOS PERSONAGENS QUE RECEBERÃO E OS COLOCAM NO CHAÃO, À MEDIDA QUE IRÃO FALANDO AS FRASES ABAIXO)

INDIVIDUALISMO!

EGOISMO

CONSUMISMO: HÁBITO DE COMPRAR DE FORMA COMPULSIVA ALÉM DAS NECESSIDADES. DESCONTROLE SOBRE OS PRÓPRIOS GASTOS.

COLOCAR NO PRATO ALÉM DO QUE PRETENDE COMER.

COMPRAR MAIS DO QUE O NECESSÁRIO.

ESTOCAR EM CASA ALIMENTOS, PRODUTOS QUE PASSAM DO PRAZO DE VALIDADE.;

PREOCUPAÇÃO EM MOSTRAR PARA AS PESSOAS AQUILO QUE POSSUEM;
DESIGUALDADE SOCIAL

CONSUMISMO: É necessário que nós nos despojemos de todas as coisas que nos impedem de ser uma pessoa melhor. Deixemos para trás todas as nossas diferenças e nossas imperfeições, pois o mundo precisa de: (TODO ELENCO RESPONDE)

TOLERÂNCIA

RESPEITO

SOLIDARIEDADE

AMOR

DIÁLOGO

FRERNIDADE

AFETO

CARINHO

ÁGUA - Mas lutar sempre é preciso, ninguém pode se entregar!

INDIO - GNOMO A luta vive na terra, vive nos ares, no mar!

GÊNIO - Faz parte da natureza a luta pra se escapar!

ÁGUA - Quem quiser ser bom soldado, bom tenente, capitão,

Saiba que a luta mais importante é aquela que molda o coração.

TODOS: ADEUS, ADEUS, BONS AMIGOS, DEUS VOS CONSERVE A NOBREZA,
POIS É DENTRO DE CADA UM DE NÓS QUE ESTÁ A VERDADEIRA RIQUEZA,

FIM Música: Mas é claro que o sol vai voltar amanhã. Quem acredita sempre alcança...

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO AVALIATIVO

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE APLICAÇÃO

PROJETO DE INTERVENÇÃO: **“A MAGIA DA PALAVRA - O TEXTO TEATRAL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES”**.

PROFESSOR RESPONSÁVEL: JOSÉ HILTON

ALUNO/A: _____ SÉRIE: _____

1. A respeito do texto teatral o que de novo você aprendeu?

2. Esse projeto contribuiu na sua forma de ler e escrever? Justifique.

3. Descreva como se sentiu e comente sobre a sua participação no processo de produção e encenação de um texto de teatro.

4. De que forma o texto teatral lido e encenado pôde colaborar na reflexão sobre as questões ou problemáticas da vida real?
